



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA MESTRADO
PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

NEUZIRENE ALVES DOS SANTOS

**HQS DA MULHER MARAVILHA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO EM GURUPI-TO**

LINHA DE PESQUISA: SABERES HISTÓRICOS NO ESPAÇO ESCOLAR

ARAGUAÍNA - TO

2022

NEUZIRENE ALVES DOS SANTOS

**HQS DA MULHER MARAVILHA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO EM GURUPI-TO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal do Tocantins - Campus de Araguaína, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Saberes históricos no espaço escolar.

**ARAGUAÍNA - TO
2022**

NEUZIRENE ALVES DOS SANTOS

**HQS DA MULHER MARAVILHA E A SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO
EM GURUPI-TO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal do Tocantins - Campus de Araguaína, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em
Banca
Examinadora:

, pela seguinte

Profª Dra. Martha Victor Vieira (UFT)
Orientadora

Profª Dra. Daniela Magalhães da
Silveira (UFU)

Profª Dra. Vera Lúcia Caixeta (UFT)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S237h Santos , Neuzirene Alves dos.
HQS DA MULHER MARAVILHA E A SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO. /
Neuzirene Alves dos Santos . – Araguaína, TO, 2022.

81 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do
Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-
Graduação (Mestrado) Profissional em Ensino de História, 2022.

Orientadora : Martha Victor Vieira

1. Ensino de História. 2. Histórias em Quadrinhos. 3. Segunda
Guerra Mundial. 4. , Mulher Maravilha. I. Título

CDD 980

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde
que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica
da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

Dedico este trabalho a todos os pesquisadores brasileiros, mas, especialmente, aos professores e professoras que, de alguma forma, buscam o conhecimento, mesmo em face ao desrespeito e descaso por parte daqueles que deviam nos valorizar e nos incentivar.

Minha trajetória acadêmica

Eu trabalhava como caixa de supermercado em 1989 quando fui aprovada no vestibular para Licenciatura Plena em História na hoje. de Anápolis que, na época, se chamava Faculdade de Ciências Econômicas de Anápolis. Meio sem saber direito o que significava aquele curso aos 19 anos, eu quis fazer, acredito que até mesmo como forma de protesto contra o sistema nos anos 80 e 90, que só valorizava os cursos de Pedagogia e Letras. Por inúmeras vezes fui criticada por várias pessoas, inclusive da minha família, que não perdiam a oportunidade de perguntar o que eu achava que conseguiria fazendo aquele curso que a maioria nem sabia que existia. Prossegui. Depois de 5 anos na Universidade, vencendo muitas dificuldades, entre elas a falta de dinheiro pra quase tudo, todos os anos de faculdade me lembro que assinei atestado de pobreza na renovação de matrícula, porque não tinha condições nem de pagar a taxa anual cobrada pela instituição para continuar meu curso. Vontade de desistir não tive poucas vezes, mas sim quase todos os dias. Mesmo assim prossegui. Minha primeira experiência profissional na educação aconteceu no último ano de faculdade, quando aprovada no concurso público da educação do estado de Goiás fui trabalhar no Colégio de Aplicação em Anápolis com uma sala de crianças na Pré-alfabetização. Descobri que não tinha perfil para tal função e foi mais um estímulo para terminar meu curso com urgência. Finalmente em 1995 me formei, só participei da colação de grau porque era obrigatório, fiquei de fora das outras comemorações por falta de condições e por já estar de malas prontas de mudança para Fundação Bradesco onde fui aprovada no processo seletivo para professora de História, sendo assim fui a única da minha turma a começar trabalhar na área mesmo antes da formatura.

E foi então em 1995 que vim morar no Tocantins, em Formoso do Araguaia – Fundação Bradesco. Foi uma experiência única, amei ter conhecido e trabalhado naquele lugar, mas durou pouco tempo pois não consegui me adaptar ao sistema de internato daquela instituição.

Em 1997 me mudei para Gurupi onde trabalhei como professora contratada no Colégio Estadual Ari Ribeiro Valadão Filho com turmas do segundo grau como era chamado na época, por quase um ano. Depois disso engravidei e, quando minha filha nasceu, eu estava desempregada, mas por pouco tempo, seis meses depois entrei na

escola particular O Castelinho, e lá fiquei por dois anos. Simultaneamente prestei concurso para a secretaria de educação de Gurupi, fui aprovada e tomei posse no ano de 1999.

Em 2.000 percebi que precisava continuar me qualificando e comecei uma pós-graduação na faculdade aqui da região, mas infelizmente não consegui concluir mais uma vez por não dispor de condições financeiras. Prestei concurso para a Secretaria de Educação do Estado do Tocantins em 2002, fui aprovada e tomei posse em 2004. Desde então sou professora das redes municipal e estadual daqui. Durante todo esse tempo, a vontade de continuar estudando nunca me deixou e o meu sonho era fazer um mestrado em História.

Em 2018 minha amiga Sabrinna, professora de física, hoje terminando um doutorado, me enviou um link da inscrição para o PROFHISTORIA, fiquei eufórica e ao mesmo tempo receosa, porque já estava longe da vida acadêmica por tanto tempo e sabia que não ia conseguir tão facilmente. Mesmo assim fiz minha inscrição e fui lá em Araguaína fazer a prova. Voltei com um pontinho de esperança, por ter conseguido entender bem a prova e ter feito toda ela. Prossegui.

Quando entrei no site para ver o resultado confesso que fiquei desolada por não ter sido aprovada dentro do número de vagas disponíveis, mas fazer o quê? Prossegui.

Qual não foi minha surpresa o dia que recebi um e-mail da secretaria de mestrado da Universidade Federal do Tocantins (UFT) me dizendo que a coordenadora do curso precisava falar comigo com urgência. No mesmo dia entrei em contato com a instituição e fiquei radiante quando soube da desistência de duas pessoas que estavam na minha frente na classificação. E foi assim que entrei nesse programa e minha vida profissional deu um giro de 180°. Durante as aulas presenciais em 2019 eu trabalhava os três períodos de segunda a quarta quando saía da escola às 22h. buscava minha mochila em casa e ia para a rodoviária pegar o ônibus às 23h para Araguaína, chegava às 7 da manhã da quinta-feira (quando não havia atrasos), tomava café da manhã e ia pra UFT participar das aulas quinta e sexta - feira. Voltava para Gurupi às 22h. (quando não havia atrasos, o que era bem raro). Sábado e domingo eram os dias que eu tinha para me recompor, pra começar tudo outra vez.

Não foi fácil e ninguém disse que seria, mas sempre foi possível e muito gratificante a cada aula que eu participava, percebia que precisava continuar e me qualificar ainda mais. Apesar de viver dias em que a vontade era grande de nunca

mais voltar. Prossegui mesmo assim e foi com o apoio dos colegas de turma, dos professores, da coordenação do curso, do meu diretor do CEM de Gurupi, do meu filho de coração Jarllan, minha filha Isabella, de alguns colegas de profissão e daquele que sempre me sustentou DEUS, é que cheguei até aqui, à conclusão desse projeto e dessa pós- graduação.

Hoje como professora de História, filha de lavadeira e mãe de acadêmica de medicina me orgulho de dizer que sempre estudei em instituições públicas, e minha filha segue no mesmo caminho na Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), com esse relato de vida profissional espero ter deixado claro a importância do ensino público para a formação do povo brasileiro na luta pela diminuição da desigualdade social neste país, pois sem essas instituições de ensino gratuitas, com certeza eu e milhares de brasileiros não teríamos nenhuma oportunidade de sair do analfabetismo e trilhar o caminho da formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

No início dessa caminhada de professora pesquisadora, me lembro bem do professor Dr. Marcos Edilson nos afirmar, em uma de suas aulas de teoria, que escrever é um processo solitário e lento. Hoje, praticamente três anos depois disso, é que comecei a entender o quanto há verdades nesta afirmação, por mais que alguém como nossos colegas, nossos orientadores e orientadoras tente nos ajudar, escrever é mesmo algo muito individual e particular, pois não podemos esperar por ninguém senão por nós mesmos. Durante esse processo de produção simultaneamente conversamos com o mundo literário e mergulhamos em nós mesmos, digerimos tudo que foi lido para que possamos então transformar nossas leituras em algo vivo e falante à outrem. Pesquisar é um caminho sem volta, haja vista que, uma vez iniciado, só podemos chegar à mesma conclusão do filósofo grego Sócrates, só sei que nada sei, e a partir daí procurar meios de nos inteirar cada vez mais sobre o assunto pesquisado.

No entanto, para que uma pesquisa possa ser iniciada, é necessário um envolvimento de várias pessoas com ideias, contribuições e, acima de tudo, disposição para orientar e ensinar. É nessa certeza da importância de uma boa equipe para se concretizar um objetivo é que venho aqui agradecer aos professores mestres e doutores na arte de pesquisar e ensinar a pesquisar do programa de formação continuada PROFHISTÓRIA da Universidade Federal do Tocantins (UFT) Campus Araguaína, sem vocês esse trabalho ainda estaria preso no campo das ideias. Sou muito grata à coordenadora desse projeto, a Profa.Dra. Vera Lúcia Caixeta por me agradecer com a melhor orientadora desse programa, a Professora Dra. Martha Victor Vieira, e apesar de, no início, eu estar temerosa pela escolha, com o passar do tempo percebi que não poderia ter um parceira melhor no mundo para se produzir um texto. Muito obrigada, minha orientadora e amiga, que, com muita paciência e dedicação por inúmeras vezes me fez continuar caminhando e acreditando na minha capacidade, você me fez continuar, meu muito obrigada e admiração eternos.

Obrigada às professoras doutoras, Prof^a Dra. Vera Lúcia Caixeta e Prof^a. Dra. Daniela Magalhães da Silveira, que prontamente aceitou o convite de compor a banca

avaliadora desta dissertação, desde a qualificação até a defesa, acreditem, suas contribuições foram muito valiosas para enriquecer esta pesquisa.

Não poderia aqui deixar de citar nosso amigo de mestrado que tanto nos impulsionou e incentivou a todos, durante cada aula que nos encontrávamos em turma, nosso saudoso amigo Francisco Denis que nos deixou tão cedo de maneira tão inesperada e dolorosa, sendo uma das mais de 600 mil vítimas fatais da pandemia de COVID-19, você deixou saudades Dênis, muitas saudades, até hoje é difícil acreditar, e toda vez que ouço a música Noites Traíçoeiras, é como se ouvisse sua voz cantarolando o refrão nos corredores da UFT, essa é a memória mais viva que guardarei de você para sempre.

Gratidão a todos os meus colegas de mestrado turma 2019, alguns que se tornaram amigos mais próximos e parceiros, outros nem tanto, mas que, mesmo de longe, se fizeram presentes nesse percurso.

A minha amiga Sabrina que me fez acreditar que seria possível fazer esse mestrado meu muito obrigada.

Ao diretor do Centro de Ensino Médio de Gurupi no ano de 2019 e hoje diretor do CEJA, João Rosado, muito obrigada por sua colaboração e incentivo a ponto de mudar os horários das aulas na escola, durante o ano letivo de 2019.

Obrigada aos meus queridos estudantes das turmas 23.01 e 23.02 que me fizeram acreditar na aplicabilidade dessa proposta, mas que infelizmente devido a pandemia não foi possível concretizá-la com vocês.

Agradeço também ao Programa de Pós-graduação do PROFHISTÓRIA, campus Araguaína. Obrigada pelos momentos de aprendizado que me levavam à reflexão sobre minhas práticas de ensino depois de cada aula, seminário ou atividades concluídas, obrigada por despertarem em mim a professora pesquisadora que hoje sou. Foi uma honra ter todos vocês como professores nesses últimos anos, vocês fortaleceram minhas asas e me ajudaram a realizar um sonho por anos adormecido.

Obrigada meu filho do coração Jarllan Sousa por cuidar de nossos bichinhos e da casa enquanto eu viajava para aulas em Araguaína, obrigada minha filha Isabella Prates pela parceria e contribuições, quando o assunto é tecnologia você arrasa.

Obrigada Espírito Santo, obrigada Pai e obrigada Jesus.

Tributo esse trabalho às próximas gerações das licenciaturas ou do PROFHISTÓRIA, que vocês possam assim como eu acreditar na possibilidade de continuidade independente de quanto tempo tenha se passado.

E a história? Ela está na rua. Na multidão. Acredito que em cada um de nós há um pedacinho da história. Um tem meia paginazinha, outro tem duas ou três. Juntos, estamos escrevendo o livro do tempo. Cada um grita sua verdade. O pesadelo das nuances. E é preciso ouvir tudo isso separadamente, dissolver-se em tudo isso e transformar-se em tudo isso. E, ao mesmotempo não perder de si mesmo.”

(ALEKSIÉVITCH, 2016, p.19)

RESUMO

Neste trabalho analisa-se o uso das histórias em quadrinhos da heroína Mulher Maravilha nas aulas de História. Como embasamento teórico as reflexões estão pautadas nos estudos de Paulo Freire sobre a concepção e perspectiva de aprendizagem crítica e seus efeitos sobre os estudantes, para isso, realizou-se uma proposta didática, visando trabalhar a referida personagem como recurso metodológico ao discutir o conteúdo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A intenção é pensar estratégias didáticas, usando a tecnologia e os quadrinhos como instrumentos de aprendizagem para que possam contribuir na complementação das informações dos livros didáticos de História Geral, especificamente no Ensino Médio, ampliando as possibilidades de identificação e uso de outras fontes históricas. Entende-se que esse método possibilita compreender os atores envolvidos nesse contexto histórico e também perceber o papel das mulheres, que é pouco destacado na historiografia tradicional.

Palavras-chave: Ensino de História; Histórias em Quadrinhos; Segunda Guerra Mundial; Mulher Maravilha.

ABSTRACT

In this work, we analyze the use of the comics of the heroine Wonder Woman in History classes. As a theoretical basis, the reflections are based on Paulo Freire's studies on the conception and perspective of critical learning and its achievements on students. Second World War (1939-1945). The intention is to think of didactic strategies, using technology and comics as learning instruments so that they can contribute to the complementation of information from General History textbooks, specifically in High School, expanding the possibilities of identification and use of other historical sources. It is understood that this method makes it possible to understand the actors involved in this historical context and also to perceive the role of women, which is little highlighted in traditional historiography.

Keywords: Teaching History, Comics, Second World War, Wonder Woman.

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

EUA - Estados Unidos da América

HQs - História em Quadrinhos

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais)

PLIDEF - Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental

PNBE - Programa Nacional Biblioteca na Escola

PNLD - Programa Nacional do Livro e do Material Didático URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

WAAC - The Women's Army Auxiliary Corps (Unidade Auxiliar Feminina do Exército)

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - Quadrinhos da Mafalda - Ovinhos desorganizados	34
Figura 2 - O Gato no Telhado	34
Figura 3 - Hagar o Horrível	35
Figura 4 - Povos Indígenas em Quadrinhos	38
Figura 5 - Cena de HQ CUMBE	38
Figura 6 - Breve cronologia sobre os super - heróis e a segunda guerra:	41
Figura 7 - Pat Parker e o Girl Commandos	43
Figura 8 - Capitão América: Origem e Primeiras Aventuras	44
Figura 9 - Quadro sobre habilidades propostas pela BNCC (2017) para o Ensino Médio	61
Figura 10- A moça armada	65
Figura 11 - O Invasor Invisível	66
Figura 12 - Página inicial do App Kahoot	67
Figura 13 - Página de conclusão do quiz no App Kahoot	68
Figura 14 - Página de apresentação do App Kahoot	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I	24
1. O ENSINO DE HISTÓRIA E OS RECURSOS DIDÁTICOS ALTERNATIVOS	24
1.1 A trajetória do ensino de História no Brasil	24
1.2 A imagem como recurso didático	26
1.3 Um pouco da história das HQs	31
CAPÍTULO II	36
2. O USO DOS HQS NO ENSINO DE HISTÓRIA	36
2.1 Estudos sobre HQs nas aulas de História	36
2.2 As HQs da Mulher Maravilha	41
2.3 O ensino da História das mulheres	51
CAPÍTULO III	54
3 PROPOSTA DIDÁTICA DE HISTÓRIA PARA SER USADA NO ENSINO MÉDIO	54
3.1 Os livros didáticos de História do CEM Gurupi	54
3.2 UMA PROPOSTA DIDÁTICA COM HQs PARA ENSINO MÉDIO NO CEM Gpi-TO	57
3.3 Etapas da sequência didática	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
ANEXO I	80
ANEXO II	81

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o objetivo de utilizar as HQs da Mulher Maravilha como instrumento didático metodológico para o ensino nas aulas de História, nas terceiras séries do Ensino Médio, no Centro de Ensino Médio de Gurupi, a fim de discutirmos o conteúdo da Segunda Guerra Mundial, especialmente os agentes históricos envolvidos neste processo.

O ensino de História tem passado por inúmeras mudanças nos últimos tempos, até chegar ao formato que hoje se apresenta. Possui como sua maior preocupação desenvolver um aprendizado crítico, consciente e significativo em seus estudantes. Para tanto, o professor de História no Brasil contemporâneo precisa buscar caminhos diferenciados para alcançar seus objetivos.

Como professora do Centro de Ensino Médio de Gurupi (CEM DE GURUPI) há cinco anos, eu observei que, nas séries iniciais e finais do Ensino Fundamental em escolas públicas, o ensino de História se apresenta de forma mais rebuscada e atraente, sendo até o material didático mais envolvente. Ao chegar ao Ensino Médio, os jovens se deparam com uma disciplina de História muitas vezes conteudista e pouco atrativa. Nesse cenário, desenvolve-se nos estudantes, pelo menos na maioria deles, um sentimento de desinteresse pela disciplina.

Do outro lado, nesse processo, está o professor de História, tentando fazer com que seu público alcance conhecimento e resultados satisfatórios, o que na maioria dos casos não acontece. No intuito de tornar essa relação, ensino – aprendizagem em História, mais agradável reflexiva e produtiva é que essa pesquisa se apresenta ao trazer como proposta o uso de Histórias em Quadrinhos, (HQs), para desenvolvimento, aplicação e entendimento de conteúdos, principalmente relacionados às terceiras séries, momento em que os estudantes estão mais preocupados com seus resultados e ansiosos por seu futuro.

Nessa idade, os jovens têm certa atração pela figura de heróis e vilões, como também estão envolvidos em jogos virtuais em que se encontram muitos personagens por eles admirados. Ao lançar mão desse recurso, o professor, além de buscar despertar o interesse dos estudantes, também abre a possibilidade de diálogo com outras áreas de conhecimento como a Arte e a Língua Portuguesa.

Devido às dificuldades geradas pela Covid-19 de realizar a prática no chão da

sala de aula, iremos apenas fazer uma proposta de como pensamos o desenvolvimento dessa prática. Nossa ideia é que, como estratégia, deve-se inicialmente elaborar um questionário e realizar uma roda de conversa para verificar junto aos estudantes o que eles pensam do ensino de História, especialmente, da forma como os professores ministram as aulas. Pesquisar também como eles relacionam o conhecimento histórico com as informações dos HQs, especialmente, no tocante à personagem Mulher Maravilha, e qual a representação que se faz dessa personagem, bem como sua relação com o contexto histórico da Segunda Guerra Mundial.

A segunda guerra mundial foi um conflito de grandes proporções, envolvendo vários países e regiões de diferentes continentes, entre os anos de 1939 a 1945. No continente europeu estava a maior parte dos países envolvidos, sendo assim a Europa palco das principais batalhas. As frentes em confronto eram compostas por forças do eixo de um lado e forças dos aliados de outro. Sendo dividida pelos historiadores em três fases, a Segunda Guerra Mundial mudou por completo as posições geográficas, econômicas e financeiras das frentes envolvidas. Entre os muitos países atingidos estavam os EUA, a Alemanha, o Japão e a Itália. Neste contexto tumultuado nascem as HQs da mulher maravilha, cujas narrativas têm relação com os acontecimentos geopolíticos desse período.

Ao se falar em guerras até pouco tempo não se cogitava levar em conta a historiografia feminina, felizmente ao se desenvolver a investigação de outras fontes históricas como relatos, diários, documentos, objetos e outros registros femininos, foram sendo descobertos fragmentos de guerra anteriormente desconsiderados. Um desses fragmentos importantes é o livro Diário de Anne Frank, publicado pela primeira vez em 1947, a princípio com o objetivo de distração, com o tempo a obra ganhou merecido status de documento histórico ao ser lida e estudada por vários anos. O livro é o relato de Anne Frank, uma garota de 13 anos que de repente se vê em meio a uma guerra, seus escritos possibilitam um outro panorama do conflito por três fatores importantes, primeiro por ser ela uma judia que vivia em Amsterdam, sua fala nos traz a versão dos vencidos e perseguidos durante o período entre 1942 a 1944, o segundo fator por ser mulher, e finalmente por ser adolescente.

Ao decidir registrar seu cotidiano e o de sua comunidade durante a guerra, Anne Frank na verdade torna audível o grito dos que viviam sob a ameaça da prisão e morte

iminente que os cercava. Com sua escrita que por vezes cita versículos da Torá¹, ela descreve seus dias de maneira clara e simples, oscilando entre esperança de vida e o medo de ser descoberta pelos alemães, como qualquer garota judia da época.

O livro também deixa claro sua indignação com as práticas capitalistas, ao mesmo tempo que não exime o homem comum de suas responsabilidades com o mundo e os seres que o habitam. Em todo tempo a escritora deixa claro que não entende o motivo pela qual os homens fazem as guerras, armas e bombas se por muitos lugares só se vê fome e pobreza segundo ela fruto da insensatez humana:

Talvez você não possa compreender que aqui surja tantas vezes a pergunta desesperada: por que e para que é esta guerra? Porque é que os homens não podem viver em paz? Para que tanta destruição? Essas perguntas são legítimas, mas até agora ninguém soube encontrar uma resposta satisfatória. Porque é que na Inglaterra se constroem aviões cada vez maiores, bombas cada vez mais pesadas e, ao mesmo tempo, se reconstroem filas de casas? Porque é que se gastam todos os dias milhões para a guerra se não há dinheiro para a medicina, os artistas e os pobres? Porque é que há homens passando fome se, em outros continentes, apodrecem mantimentos? Porque é que os homens são tão insensatos? Não acredito que a culpa da guerra seja só dos governantes e capitalistas. (FRANK, 2003, p.191)

A escolha da personagem Mulher Maravilha se dá principalmente por duas razões. A primeira, por ser mulher, ela pode contribuir para discutir a bandeira de todas as mulheres comuns que lutam para serem respeitadas e reconhecidas como pessoas capazes de exercer qualquer função que desejar, até mesmo de super- heroína nos quadrinhos. O presente trabalho honra essa trajetória de conquistar espaços até pouco tempo reservados ao público masculino, uma vez que essa pesquisa é apenas um raio de luz sobre as vozes antes silenciadas de rainhas vendidas, guerreiras escravizadas, meninas de inocência roubada, executivas desvalorizadas, lavadeiras, amas de leite, parteiras, que tão sorrateiramente se movimentaram em meio à invisibilidade de uma sociedade patriarcal.

A dissertação de Sousa, (2021) traz o estudo da biografia de algumas mulheres de Balsas-MA, com o objetivo de trabalhar o aprendizado histórico através do resgate da memória dessas mulheres. De acordo com a autora, para que o ensino de História possa ser um agente importante na luta pela visibilidade feminina precisa despertar uma reflexão significativa sobre as desigualdade de gênero, para isso é necessário que professores e professoras de História levem a seus estudantes temas e

¹ A **Torá** compõe os 5 primeiros livros do livro sagrado da religião judaica e tem origem no termo hebraico Yará, que significa ensinamento, instrução ou lei.

personagens do cotidiano, para assim desenvolver um olhar diferente do androcêntrico², que vem sendo destacado até então na historiografia oficial, e insiste em atribuir todo tipo de desenvolvimento aos homens. Isso produziu, durante séculos, o apagamento das mulheres como protagonistas em sua existência como escreve, “colocar os homens unicamente como agentes dos acontecimentos e transformações é nos sujeitar ao opróbio”. (Sousa ,2021)

O ponto de partida para a pesquisa foi o olhar e a observação de uma estudante sobre a ausência de mulheres nos livros didáticos de História. Apesar dos esforços da professora em levar outras fontes de pesquisa contendo registros de mulheres na História, mesmo assim o público discente feminino não se viu representado no material oficial das escolas públicas de todo o país (em seu livro didático). Esse fato nos chama à reflexão sobre a história das mulheres e seus registros, esse contexto faz a nós, professoras de História, um chamado a estudar e pesquisar sobre o assunto e, o mais rápido possível, inserir em nossas aulas a História da História das Mulheres.

Ao fazer a aproximação desta corrente historiográfica com o Ensino de História, será possível trazer ao palco de nossas aulas , as mulheres como protagonistas o que aos poucos tem a capacidade de dissolver a visão androcêntrica europeia até então estabelecida no material didático tradicional em uso nas escolas públicas. (Sousa ,2021).

A segunda razão se explica pelos valores de justiça, sabedoria e democracia, defendidos pela personagem, vinda de um lugar onde esses ideais são extremamente importante, Diana³ observa e sente a ausência desses valores no novo mundo em que se encontra e luta para que sejam reconhecidos e copiados através de seu exemplo em se preocupar com os mais fracos e oprimidos. Ela também não aceita os motivos da ganância e da guerra, opondo-se fortemente à ideia de lucro e às desigualdades sociais resultantes do capitalismo selvagem, podemos destacar aqui que tais valores identificados na personagem, também são os valores perseguidos e valorizados no mundo contemporâneo dentro da nossa sociedade ocidental principalmente. Por tudo isso e muito mais a Mulher Maravilha não é apenas uma personagem dos quadrinhos, ela é um ícone de liberdade, justiça, solidariedade, força e poder que desperta em seus fãs das mais variadas idades e culturas o sentido da

² Termo criado pelo sociólogo americano Lester F. Ward em 1903. Esta intimamente ligado à noção de patriarcado.

existência e a capacidade de transformar sonhos em projetos e conseqüentemente em realidade.

São muitas as heroínas capazes de trazer contextos históricos em seus quadrinhos, exemplos como Supergirl, Jean Grey, Capitã Marvel, Tempestade, Gamora, Mulher Invisível e outras são provas disso. No período entre 1941 e 1946 nos Estados Unidos a grande preocupação americana era com o avanço nazista na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, esse fato atingiu de cheio a produção cartunista da época e fez desencadear uma grande onda de criação de heróis e heroínas que em suas falas, roupas estilos, armas, nomes e outros detalhes traziam a mensagem da supremacia norte americana a seus leitores.

Muito além de ser apenas entretenimento e lazer as HQ's em 1941 rompem com as fronteiras do divertimento e vão parar na função de informar, influenciar e criticar os mais diversos temas sociais, o que faz com que seu público esteja disposto a refletir e construir redes de ideias e valores como, por exemplo, nesse caso nas relações de gênero. Em meio a tantos cartunistas vale ressaltar duas mulheres Jill Elgin (1941-1943) e Barbara Hall (1942 e 1945) criadoras da Girl Commands, HQ citada neste trabalho mais detalhadamente adiante. Deste modo, a escolha da Mulher Maravilha se justifica também tanto pelo destaque dispensado a ela nos meios de comunicação e publicidade nos últimos cinco anos como pela relação dessa heroína com as guerras. (NOGUEIRA, 2014).

As definições de Stuart Hall (2016) sobre conceito de representação nos parecem interessantes para analisar as HQs. Este autor, ao tratar da compreensão³ da linguagem de representação, levanta uma questão sobre a função da linguagem e defende a ideia desta como meio de representação através do uso de símbolos e signos entre indivíduos numa cultura, sendo esta cultura entendida como produção e intercâmbio de sentidos, que influenciam nossa conduta e comportamento.

Em princípio, qualquer combinação de cores – como qualquer coleção de letras na linguagem escrita ou de sons na linguagem falada – funcionaria, dado que as cores fossem suficientemente diferentes para não serem confundidas. Os construtivistas expressam essa ideia dizendo que todos os signos são 'arbitrários'. Esse termo significa que não existe nenhuma relação natural entre o signo e seu sentido ou conceito [...]. É o código que fixa o sentido, não a cor por si própria. Isso também tem implicações mais amplas

³ **Diana de Themyscira**, também conhecida como **Diana Prince**, foi criada em 1941, por **William Moulton Marston** e **Harry G. Peter**, nascido de uma ideia de Moulton, que desejava um herói que abraçasse a paz e o amor, e não usasse apenas de força bruta para vencer. Foi sua esposa que o aconselhou que criasse esse personagem na versão feminina e assim nasceu Diana, a princesa amazona e primeira protagonista feminina da DC.

para a teoria da representação e sentido na linguagem, e significa que os signos por eles mesmos não podem fixar sentido. Em vez disso, o sentido depende da relação entre um signo e um conceito, o que é fixado por um código. O significado, os construtivistas diriam, é 'relativo'. (HALL, 2016, p. 52)

Em suma, a representação é uma linguagem que produz sentido, por meio de sistemas de códigos e signos, que são formados em nossas mentes e compartilhados entre nós. Outro embasamento que nos ajuda a pensar o objeto de pesquisa são as considerações de Paulo Freire (1996), que defende uma educação autônoma, fundamentada no respeito pelo educando, pois este também tem seus conhecimentos e uma forma de perceber o mundo, ligada às suas experiências. Acredito que o ensino de História, através dos quadrinhos, faz com que o estudante seja parte da produção e criação das histórias e seus personagens, desenvolvendo nestes a capacidade de produção, fazendo do ensino uma construção democrática. Nas palavras de Freire:

Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível à pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (FREIRE, 1996, p.15).

Os quadrinhos, mesmo com todo desenvolvimento tecnológico, continuam ocupando seu espaço entre os jovens e adultos, e são várias as vantagens que se podem utilizar como instrumento didático no ensino de História, como afirma Waldomiro Vergueiro (2004).

A partir do momento que os estudantes entenderem a capacidade que possuem de observar qualquer personagem e ou imagem e deles extrair a história aí escondida, o ensino de História estará dando um grande salto no caminho para a construção de uma consciência histórica de toda uma geração. (Vergueiro, 2004).

Neste trabalho pretendo, no capítulo um, falar sobre a trajetória do ensino de História no Brasil, na sequência destacar a importância do uso das imagens como recurso didático e finalizando com a história das HQs. No segundo capítulo, escrevo sobre o uso das HQs no ensino de História, farei também alguns apontamentos sobre as HQs da Mulher Maravilha e discutirei a visibilidade ao ensino da História da História das mulheres. Já no terceiro e último capítulo, apresentarei a escola em que pretendo aplicar esta pesquisa e como é o processo de uso do livro didático, por fim, faço uma

proposta didático metodológica com HQs em junção com a tecnologia do App Kahoot, para aplicação em aulas de História no ensino médio. Para isso, levarei em conta o perfil da escola CEM de Gurupi e descrever a proposta passo a passo.

CAPÍTULO I

1. O ENSINO DE HISTÓRIA E OS RECURSOS DIDÁTICOS ALTERNATIVOS

1.1 A trajetória do ensino de História no Brasil

Os estudos de Circe Bittencourt (2008) mostram que a História do ensino de História vem, com o tempo, se transformando e, principalmente, a partir dos anos 80, tais mudanças têm sido bem polêmicas, considerando que o ensino de História sofreu uma modificação significativa com as revisões que ocorreram desde os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) até a atualidade, com a introdução de temáticas que tratam da diversidade étnico racial e das relações de gênero.

A partir do século XX a escola se destaca como principal instrumento na luta contra o analfabetismo, possibilitando a construção da cidadania política para um número significativo de estudantes das mais variadas classes sociais. Porém, o conceito de cidadania, defendido pelos educadores, destoava do ideal, já que a intenção seria difundir valores para a manutenção da ordem e a obediência dos imigrantes que vieram ao Brasil para substituir os escravos, com o objetivo de manter cada classe em seu lugar, onde o trabalhador comum participava com o voto e seu trabalho devidamente adequado à ordem institucional. “A História tinha como missão ensinar as tradições nacionais e despertar o patriotismo” (HOBSBAWM, 1984).

Nos anos 30 do século XX, depois da criação do Ministério da Educação, as normas para os conteúdos escolares ficaram ainda mais rígidas, perdurando o culto ao herói da Pátria, Tiradentes, e o Sete de setembro com suas comemorações obrigatórias. Todo material didático de História produzido acentua o modelo pedagógico decorativo, ressaltando que aprender História era decorar nomes, fatos e datas, numa série de repetições fiéis a tudo que estivesse escrito no livro ou na lousa das salas de aula.

Na prática, no entanto, parece ter prevalecido não exatamente a preocupação com uma memorização ativa, mas simplesmente com a decoração de nomes e datas dos grandes heróis e dos principais acontecimentos da história nacional, era comum a recitação de poesias que incentivaram o patriotismo como a de Olavo Bilac : “Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste!”

Criança não haverá país nenhum como esse!” . Ademais, para consolidar essa memória histórica, as escolas começaram a preparar com muito esmero as comemorações e festas cívicas, utilizando estratégias pedagógicas que envolviam músicas, teatros, desfiles e toda uma série de rituais, com a participação de alunos e suas famílias, ao lado de autoridades públicas (BITTENCOURT, 2008, p.69).

Aprender era repetir, decorar, sem abertura para questionamento ou análise por parte do aluno. Esse foi o método mnemônico, com o desenvolvimento desse modelo vieram críticas que defendiam a memorização consciente, recusando a tão praticada “decoreba”. Essas críticas surgiram no final do século XX e persistem até a atualidade, pois ainda hoje há um debate sobre como se deve ensinar a história, seja no ensino superior ou médio e básico. (BITTENCOURT, 2008)

No século XXI, em que a maior preocupação no ensino de História é fazer relações de aprendizado, nas quais o estudante desenvolve a capacidade de referenciar conteúdos e acontecimentos em seu tempo e espaço, como também seus efeitos de transformação, continuam os debates sobre conteúdos, método e material didático para o aprendizado.

A escolha dos materiais depende, portanto, das nossas concepções sobre o conhecimento, de como o aluno vai aprendê-lo e do tipo de formação que lhe estamos oferecendo. O método para a utilização dos diversos materiais didáticos decorre de tais concepções e não pode ser confundido com um simples domínio de determinadas técnicas para a obtenção de resultados satisfatórios. (BITTENCOURT, 2008, p.149).

O ensino de História precisa inovar em seus meios didáticos, valorizando dois principais objetivos, sendo eles, a articulação entre método e conteúdo, a viabilidade e uso das novas tecnologias, formando assim uma ponte de conexão da escola com as gerações nascidas sob a cultura das mídias, já que é grande a influência das novas tecnologias nas transformações e mudanças das formas de comunicação e conhecimentos atuais. Como diz a professora Martha Vieira (2013) “o professor precisa fugir da "ortodoxia pedagógica”, e para isso é preciso formação continuada, a fim de que haja uma atualização dos saberes docentes, especialmente no tocante aos recursos didáticos”.

1.2 A imagem como recurso didático

A sociedade pós-moderna está fortemente influenciada pelas imagens que a cercam. Essa experiência visual desperta no ser humano a reflexão e percepção, fazendo com que seja construído um ambiente de discussão e crítica. A imagem é fundamental para desencadear o processo de aceitação de qualquer produto. No processo de ensino-aprendizagem esse recurso não pode ser ignorado, já que o público alvo, no caso os estudantes, convivem com tal recurso no seu dia a dia:

No processo pedagógico com o uso de imagens deve-se avaliar a importância da influência ideológica que as aplicam, em que o próprio processo de cognição e codificação da História seja o viés pelo qual os alunos, enquanto sujeitos do conhecimento, entendam que também são atores sociais e tomem consciência de seus atos. Portanto, há a necessidade de se refletir sobre a possibilidade de realizar atividades com os alunos em sala de aula, levando-os a entender que outras formas de linguagem, além da tradicional, podem auxiliar a questionar e a desconstruir as formas ideológicas, entendidas aqui como a “legislação, o material didático, conteúdos, pressupostos teóricos dos professores e outros.” (SILVA, 1984, p. 16)

A visualização do que está sendo explicado pelo professor torna o estudante parte ativa no processo de aprendizagem e não apenas um ouvinte passivo, essa participação facilita a ativação da memória quando necessário.

Com o desenvolvimento das tecnologias, o professor tem em suas mãos vários meios para despertar o interesse dos estudantes através de recursos como: mapas coloridos, vídeos, jogos, gráficos, imagens, obras de arte, museus, arquitetura e infinitas possibilidades visuais que queira utilizar e explorar em suas aulas.

No entanto, ao usar os recursos visuais, o professor deve observar alguns critérios para que sejam alcançados resultados efetivos. Deve haver um planejamento, levando em conta idade do público, tempo disponível e sempre em sincronia com o assunto em discussão. Outro fator importante é a repetição do recurso visual escolhido, esgotando todas as possibilidades de exploração pelos estudantes, visto que quanto mais repetido mais fácil sua assimilação e seu aprendizado mais significativo.

O professor também deve fazer uso de atividades que retomam e repitam os recursos visuais antes trabalhados, isso favorece que o cérebro fixe determinado

assunto em seus arquivos mentais como informações importantes e em uso contínuo. Dessa forma o objetivo das aulas deixa de ser o puro e simplesmente ensinar, e passa a ser muito mais no que está sendo visto e compreendido pelos estudantes.

As principais dicas para lidar com estímulos visuais:

- Imagens coloridas retêm a atenção humana por mais de 2 segundos, enquanto imagens em preto e branco nos prendem por apenas dois terços de um segundo.
- Imagens facilitam a organização de ideias complexas.
- Imagens com pessoas, lugares e objetos (ao invés de linhas ou formas abstratas) se comunicam melhor com nossa mente.
- Imagens que apresentem informações já conhecidas ao lado de informações novas facilitam as conexões cerebrais dos alunos.
- As imagens devem ser claras: figuras desfocadas ou com pouca definição causam desagrado e afastam o estudante. (PORTAL DESAFIOS DA EDUCAÇÃO, 2014)

A BNCC (2018), depois de passar por várias discussões e caminhos até chegar a sua aprovação em 2018, destaca a importância do uso das tecnologias no Ensino Básico, com algumas citações em consonância às Diretrizes Curriculares do Ensino Médio de 2011, às referências no campo das tecnologias afirmam “Está em jogo a recriação da escola que, embora não possa por si só resolver as desigualdades sociais, pode ampliar as condições de inclusão social, ao possibilitar o acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho” (Parecer CNE/ CEB nº 5/2011, apud, BRASIL, 2018, p 462, apud ALVES,2020). O que fica perceptível nesta afirmação é que vem de longa data a preocupação em se fazer uma educação inclusiva, atraente e condizente com as novas tecnologias da sociedade contemporânea.

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos para os quais trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las. Para isso, é fundamental conhecê-los, perguntar, mapear o perfil de cada estudante. Além de conhecê-los, acolhê-los afetivamente, estabelecer pontes, aproximar-se do universo deles, e como eles enxergam o mundo, do que eles valorizam, partindo de onde eles estão para ajudá-los a ampliar sua percepção, a enxergar outros pontos de vista, a aceitar desafios criativos e empreendedores. (BACICH; MORAN, 2018, p.6 apud ALVES,2020)

Mesmo assim, ainda são muitos os entraves na viabilização desse processo de ensino, entre os quais estão a acessibilidade digital, haja vista que muitos de nossos estudantes não possuem aparelhos como computadores, tablets ou até mesmo celulares. A disponibilidade de internet é uma grande dificuldade para a maioria das

escolas públicas desse país, além da adaptação do estudante na utilização dos aparelhos tecnológicos para estudo e conhecimento intelectual, por ser de uma geração que nasceu e que está o tempo todo rodeada por tecnologias com propostas de diversão e lazer. Vale ressaltar aqui também a importância de os professores ouvirem de seus estudantes suas expectativas, opiniões e anseios com relação a sua educação, ninguém melhor do que eles para dizer como gostariam de suas aulas. Listamos logo a seguir, algumas falas dos entrevistados pela professora pesquisadora, produtora deste artigo:

"O professor tem mais interação com os alunos, em vez de só ficar passando exercícios, as aulas também poderiam ser mais dinâmicas. "

" Ter mais interação e não usar só o livro para fazer as questões, usar outros meios de ensino".

"Acho que deveria ter mais aula oral do que o uso do livro didático".

"Poderia passar um filme, ir ao museu, entre outras coisas".

"A História é uma disciplina muito importante para nós, mas, na maioria das aulas, é maçante, tornando a aula chata e desinteressante".

"Acho muito bom textos e resumos, mas gostaria de mais interação com debates e jogos".

"As aulas poderiam ser mais de sair da escola, prática e slides e mais interativa".

"A separação dos conteúdos é ótima, mas poderia ter mais dinâmicas, documentários, slides, usar a sala de informática, jogos, debates, trabalhos em grupo e aulas de campo".

"Tem que ter debate, trabalhos em grupo, produção de vídeos e usar o projetor"

"Textos, questões, projetor, debates, explicações, trabalhos para apresentar, para podermos expressar nossa opinião".

"O professor debate com os alunos sobre o assunto e também usa projetor e faz seminários para diversificar as aulas".

"Uma explicação mais entusiasmada, fatos importantes e vontade dos professores de ensinar".

"Um professor que goste de dar aula e sinta prazer em ensinar História"

"Bastante conversa e mostrar imagens, desenhos e alguns vídeos"

"Discussão que envolva tanto os alunos quanto os professores, pois discutir o assunto faz entender e aprender melhor o conteúdo"

"Como eu amo a matéria queria que fosse mais estimulante, não só copiar e responder. Tendo aulas de campo, exibição de filmes e principalmente documentários". (ALVES,2020, p.10 e 11)

O artigo nos apresenta vários dados relativos a entrevistas realizadas com os estudantes, sobre os recursos pedagógicos durante as suas aulas, um dos resultados alcançados foi que o livro didático e o quadro negro são ainda muito utilizados pelos professores, sendo as metodologias mais frequentes cópia de texto e questões do

quadro, leitura e resolução de atividades do livro didático, trabalho em grupo e exposição oral. Isso mais uma vez confirma a necessidade de se implantar práticas pedagógicas interdisciplinares condizentes às tecnologias disponíveis em nosso cotidiano, para que o estudante não veja sua escola e suas aulas de forma desconexa de seu mundo, além disso o ensino precisa levar em conta que os estudantes são pessoas com habilidades e capacidades diferentes, que cada um leva dentro de si um mundo de ideias e conhecimentos inerentes à sociedade em que está inserido. “Nem todos aprendem do mesmo modo, no mesmo ritmo, ao mesmo tempo. ” (MORAN; MASETTO; BEHRENS ,2013, p.143 apud ALVES,2020)

ALVES,(2020) descreve um excelente exemplo de meios para a acessibilidade digital que aconteceu no estado do Paraná onde as escolas estaduais foram contempladas com o programa Conectados 2.0, esse projeto fez com que as escolas através de formação profissional continuada, levantassem discussões pertinentes à importância das tecnologias como recurso pedagógico e ao final do projeto em 2018, a unidade escolar que conseguiu a maior participação conquistou 9 projetores e 35 notebooks para uso dos estudantes.

O que sabemos é que o ensino tradicional não tem mais surtido efeito positivo nos estudantes, por essa razão está cada vez mais difícil lidar com a inquietação dos jovens, com a indisciplina, com a evasão escolar, tudo isso porque nossos estudantes não identificam nenhuma importância em tudo aquilo que está sendo transmitido para ele de forma tão rotineira e cansativa durante as aulas.

Entre as várias possibilidades de tornar o ensino de História mais agradável tanto para os estudantes quanto para professores, o artigo estudado sugere o uso das tecnologias contemporâneas e ainda afirma a efetividade do aplicativo Kahoot, sugerido na proposta didática desta dissertação. (ALVES, 2020)

O professor também pode utilizar jogos pedagógicos tanto de forma manual como em jogos on-line. Por exemplo, ferramenta Kahoot, que é um site onde podem-se criar jogos de perguntas e respostas e onde aparecem os participantes, que podem jogar em grupos, e ao responderem às questões aparece posteriormente o ranking e até um pódio dos primeiros colocados (ALVES,2020,p.16)

Portanto, as possibilidades de adaptação das metodologias educacionais aos recursos disponíveis são infinitas, contando que haja uma disponibilidade por parte de

todos os envolvidos na construção de uma educação mais produtiva e atraente aos jovens das gerações Z e Alpha.

A professora Litz,(2009) ao tratar do uso da imagem no ensino de História em sua pesquisa de doutorado, afirma que quando se utiliza as imagens como instrumento de aprendizagem durante as aulas, é preciso se observar a que contexto o material escolhido pertence, como também suas características identitárias, já que, com certeza toda imagem está inserida numa sequência visual variada. (LITZ, 2009).

Segundo Litz (2009), o professor ou professora de História, para alcançar um aprendizado significativo, precisa ir além do que a imagem oferece, investigando as intencionalidades e qualidades, além de se perguntar sobre a funcionalidade e contribuições que o material escolhido vai oferecer aos seus estudantes, pois o olhar é um ato de escolha e a percepção de qualquer imagem é sempre afetada pelo que sabemos ou acreditamos. Assim, cada um incorpora seu próprio olhar e uma forma de ver.

Como vivemos um tempo em que o apelo visual é muito forte, sobretudo para crianças e adolescentes, a análise das imagens que fazem referência ao processo histórico pode ser uma forma de romper com as formas tradicionais de ensino-aprendizagem e tornar as aulas mais interessantes e de mais fácil compreensão para os estudantes.

Afinal, é notório que na contemporaneidade o estudante conviva diariamente com muitos apelos visuais, sejam através de filmes, charges, outdoors, vídeos, jogos, propagandas e todas as manifestações da cultura de massa. Assim, como ressalta Litz (2009), usando imagens, o professor consegue chamar a atenção de seu público, tornando o aprendizado interativo, agradável e crítico, abandonando o método de reprodução de conhecimento, a pura e simples memorização e a repetição fragmentada do passado.

É importante que o professor conheça as características das obras com as quais irá trabalhar. Saber sobre os artistas, autores, técnicas utilizadas e o momento histórico em que foram realizadas, sejam filmes, documentários, pinturas, gravuras, charges, esculturas ou histórias em quadrinhos.(LITZ, 2009, p.15).

No entanto, para usar recursos visuais, é preciso planejamento, organização e relação com o conteúdo, a fim de que a qualidade de uma aula possa atender as expectativas de todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem, para que

se desperte a atenção e interesse dos estudantes e, conseqüentemente, seu envolvimento na aula. Na intenção de pensar estratégias alternativas de ensino-aprendizagem, é que nos propomos a abordar as possibilidades do uso das HQs em sala de aula.(LITZ,2009)

1.3 Um pouco da história das HQs

Desde tempos imemoriais os humanos vêm deixando suas marcas e assim escrevendo sua história, mesmo que por infinitas vezes sem o uso de letras. Por muito tempo, foram usados apenas símbolos e, sobretudo, desenhos dos mais variados tipos e formas. Nesses desenhos podiam ser vistos rituais como caçadas, cultos religiosos, guerras, fenômenos naturais, ciclos da natureza e muitos outros acontecimentos, fossem eles reais ou imaginários.

A necessidade de produção visual continua acompanhando os humanos desde o desenvolvimento das civilizações, passa pelo crescimento demográfico e repousa nos eventos hoje relacionados à globalização. No entanto, a junção entre desenhos e escritas em harmonia de comunicação só veio a acontecer no século XX, sendo essas primeiras tirinhas estilizadas e predominantemente humorísticas. Logo após a Primeira Guerra Mundial foram também inseridos assuntos intelectuais, o que fez os fãs crescerem consideravelmente.

Nos Estados Unidos, ela nasce da luta pelo maior número de leitores entre os proprietários das maiores cadeias de jornais do século XIX. Os senhores Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst criaram os suplementos dominicais para atrair os semianalfabetos e os imigrantes, que tinham dificuldades com o inglês na época, já que a imagem consegue atingir todo tipo de leitor sem distinção, sem exigir um conhecimento formal prévio do seu público. (SEIFERT, 2017).

Nem sempre as HQs foram tão bem vistas. Difícil de imaginar, mas as histórias em quadrinhos também passaram por um momento de censura, onde foram consideradas perigosas. Isso aconteceu no período entre os anos de 1940 a 1950, tempo em que elas foram vistas com desconfiança por pais e professores. Tal sentimento negativo foi estimulado quando o Dr. Fredric Wertham, psiquiatra alemão naturalizado nos EUA, partindo de suas experiências em casos patológicos, passou a

publicar artigos nos meios de comunicação da época, ministrou palestras em escolas e participou de programas de rádio e televisão, disseminando os aspectos negativos dos quadrinhos e alertando a população sobre a má influência das HQs nos jovens e adolescentes, principalmente as que traziam um conteúdo de terror e suspense. Tais afirmações acabaram levando as autoridades e editores, reunidos na Association of Comics Magazine Publishers (ACMP) dos EUA a criarem um selo e um código no final dos anos de 1940 para controlar a sua produção, circulação e leitura. (RAMA et al., 2004).

Diante de todo esse cenário de maledicência sobre as HQs, seria imprudente e inaceitável, por parte dos professores, insistir em utilizar esse recurso em sala de aula, (infelizmente, os estragos causados por esse código romperam o tempo e até nos dias atuais há leitores que são afastados por seus pais de suas HQs, sob a alegação de que a leitura de gibis pode causar distúrbios comportamentais em seu público). Entre as normas para as HQs constavam:

- As histórias em quadrinhos devem ser um instrumento de educação, formação moral, propaganda dos bons sentimentos e exaltação das virtudes sociais e individuais.
- Não devendo sobrecarregar a mente das crianças como se fossem um prolongamento do currículo escolar, elas devem, ao contrário, contribuir para a higiene mental e o divertimento dos leitores juvenis e infantis.
- As histórias em quadrinhos devem exaltar sempre que possível, o papel dos pais e dos professores, jamais permitindo qualquer apresentação ridícula ou desprimorosa de uns ou de outros.
- Não é permissível o ataque ou a falta de respeito a qualquer religião ou raça.
- A menção de defeitos físicos e das deformidades deve ser evitada.
- As revistas infantis e juvenis que forem feitas de acordo com este Código de Ética levarão na capa, em lugar bem visível, um selo indicativo de sua adesão a estes princípios.[...]. (SILVA,1976, p.102-104 apud RAMA et al., 2004,p.14-15).

A redescoberta das HQs só começou nos anos de 1950, quando a globalização tomou rumos mais significativos como o desenvolvimento das ciências e a movimentação intelectual na Europa após a Segunda Guerra Mundial, o que provocou grandes mudanças culturais.

A indústria tipográfica alicerçada pela tradição iconográfica fez com que as HQs reaparecessem e se tornassem a partir de então um meio de comunicação em massa, em várias regiões do mundo, porém, ainda mais consolidado nos EUA, onde se tornou um produto de uso massivo. (BARBOSA, 2004).

A princípio, aos domingos, nas páginas de jornal, anos mais tarde passam a ser publicadas diariamente as famosas tirinhas que traziam os mais diversos assuntos, entre eles, núcleos familiares, protagonismo feminino com a predominância do cômico, tornando assim as HQs um importante instrumento de disseminação cultural e valores norte-americanos. As histórias elaboradas para publicação em revistas e jornais, inicialmente, eram curtas com 6 ou 7 páginas. Assim, cada revista traria várias histórias mesmo não estando inter-relacionadas, podendo ser lidas separadamente, até a década de 60 quando a Marvel Comics sob a orientação de Stan Lee, traz a complexidade de grandes episódios e até mesmo intermináveis sagas, como também o destaque a personagens fixos enaltecidos por logotipos em *splash page* (RAMA et al., 2004).

A partir do final da década de 60 e início da de 70, o espaço nos jornais diminuiu o que fez desaparecer as tirinhas de aventuras, prevalecendo as de humor, já que seus autores conseguiram resumir suas ideias em poucos quadrinhos. Nos exemplos de tirinhas logo abaixo demonstradas, podem ser observadas as características das HQs para publicação em jornais entre os anos 60 e 70, sendo elas, curtas e humorísticas, trazendo, às vezes, um cunho pedagógico, o que prevalece até os dias atuais em periódicos de vários países, entre eles o Brasil. Podemos observar que na primeira tirinha da Mafalda, em que o assunto está relacionado à ciência e é finalizado com humor:

A HQ da Mafalda foi criada para uma campanha publicitária em 1962 por Joaquín Salvador Lavado mais conhecido por Quino, porém a campanha não chegou a ser publicada e só mais tarde, em 1964, se transformou em quadrinhos do jornal Primeira Plana com a ajuda de Julian Delgado, editor chefe e amigo de Quino. Seu objetivo seria criticar a situação do mundo e, principalmente da Argentina, país de origem de seu criador, que na época vivia uma ditadura denominada de Revolução Argentina. Seus personagens despertam reflexões sobre os mais diversos temas sociais da época, porém trabalha com maior destaque a política da época na Argentina .

Mesmo que a personagem principal desse quadrinho seja uma menina de seis anos, que odeia sopa, adora os Beatles e o desenho do Pica-Pau e com característica de traços infantis, seus temas e suas falas apresentam uma visão de mundo rebelde e questionadora, voltadas ao público adulto. Assim as HQs da Mafalda ganharam espaços bem fechados como a Finlândia e a China, sendo traduzidas para mais de

vinte países. (ARCOVERDE, 2021)

Figura 1 – Quadrinhos da Mafalda - Ovinhos desorganizados



Fonte: Quino 2009, p.284

Já o segundo exemplo, que é uma tirinha do Garfield, com sua primeira publicação em 1978, traz um diálogo bem incomum de um gato e seu tutor.

Figura 2 - O Gato no Telhado



Fonte: SILVA, Pedro. O GATO NO TELHADO. Disponível em: <https://ogatonotelhado.blogspot.com/tag/vaca>.

A última tirinha, que vem a seguir é de um personagem bem conhecido, Hagar o Terrível, criado em 1973 e que aparece até hoje em alguns jornais e outros meios de comunicação:

Figura 3 - Hagar o Horrível



Fonte: MECKS. **Planeta tirinha.**

Disponível em: <https://planetatirinha.wordpress.com/category/hagar-o-horrivel/>. Acesso em: 19 dez. 2009.

São inúmeros os formatos e modelos de quadrinhos. Com o passar do tempo, vários autores foram aperfeiçoando essa arte, desenvolvendo técnicas e inovações. Nos dias atuais, as HQs estão muito bem elaboradas, atraentes, com a utilização de vários recursos gráficos e digitais, para que se tornem cada vez mais envolventes, presentes nos mais variados meios de comunicação, inclusive nas redes sociais, preservando assim seu público.

De acordo com Ramos (2010), o uso do termo “histórias em quadrinhos” é utilizado para rotular um grande número de gêneros e variações presentes nessa arte, os quadrinhos podem ser classificados por um conceito de hipergênero.

CAPÍTULO II

O USO DOS HQS NO ENSINO DE HISTÓRIA

2.1 Estudos sobre HQs nas aulas de História

Entre os vários pontos positivos para o uso das HQs no ensino de História, podemos destacar os seguintes aspectos:

- Podem ser objeto central do Ensino de História;
- É um instrumento pedagógico eficiente;
- Leveza e humor;
- É uma manifestações artísticas;
- Possibilita autonomia para o estudante;
- Tem uma linguagem nova;
- Melhora a capacidade de concentração do estudante;
- Estimula uma interpretação única e pessoal.

A partir do início da década de 1970 as HQs apareciam em pequenos espaços nos livros didáticos, pois ainda havia o medo da rejeição por parte das escolas e dos pais. Atualmente, esse espaço para as tirinhas ou mesmo trechos maiores de HQs vem crescendo, presentes em diversos livros didáticos das mais variadas disciplinas, trabalhando todo tipo de conteúdo. (XAVIER, 2017)

As HQs levaram um tempo até que tivessem uma considerável aceitação pelas escolas e dentre os muitos entraves, um deles foi que, somente depois de 1997, é que elas vieram diretamente para as salas de aulas, por meio dos PCN's, sendo que a primeira inclusão de obras que traziam seu conteúdo em quadrinhos só aconteceu em 2006, e dos 225 títulos comprados pelo PNBE apenas 10 eram em quadrinhos. (XAVIER, 2017)

A partir de 1980, as pesquisas sobre o uso dos quadrinhos em sala de aula cresceram no Brasil, principalmente com o respaldo de respeitados pesquisadores como Zélia Lopes da Silva, Marco Aurélio Pereira, Sônia Bide Luyten, Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos. Tais escritores, pautados na LDB de 1987, defenderam os quadrinhos como nova linguagem e manifestação artística que poderiam ser utilizadas nas salas de aula. Mas apenas depois de 2009 é que o PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) passou a trazer mais obras em quadrinhos, tanto para o Ensino Fundamental quanto para o Ensino Médio, é quando acontece o que Vergueiro (2005) chama de alfabetização na linguagem dos quadrinhos. (XAVIER, 2017).

De acordo com Vergueiro (2005) e Ramos (2009), outro motivo de retardo na utilização das HQs no ensino no Brasil foi o fato de que o governo federal reconhecia esse material como instrumento pedagógico mais eficiente apenas para o ensino básico. Essa postura fez com que elas fossem inseridas nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio apenas depois de 2009. Por apresentarem muitas imagens, desenhos, pequenas frases que, na maioria das vezes, tratam o assunto com humor e leveza, e também por serem vistas mais como diversão do que como instrução. Para os autores em questão é preciso que o PNBE deixe de ver as HQs apenas como gênero literário e que elas passem a ser avaliadas também pelo conteúdo que apresentam, seja ele bom ou ruim, como uma linguagem autônoma. (VERGUEIRO, 2005; RAMOS, 2009)

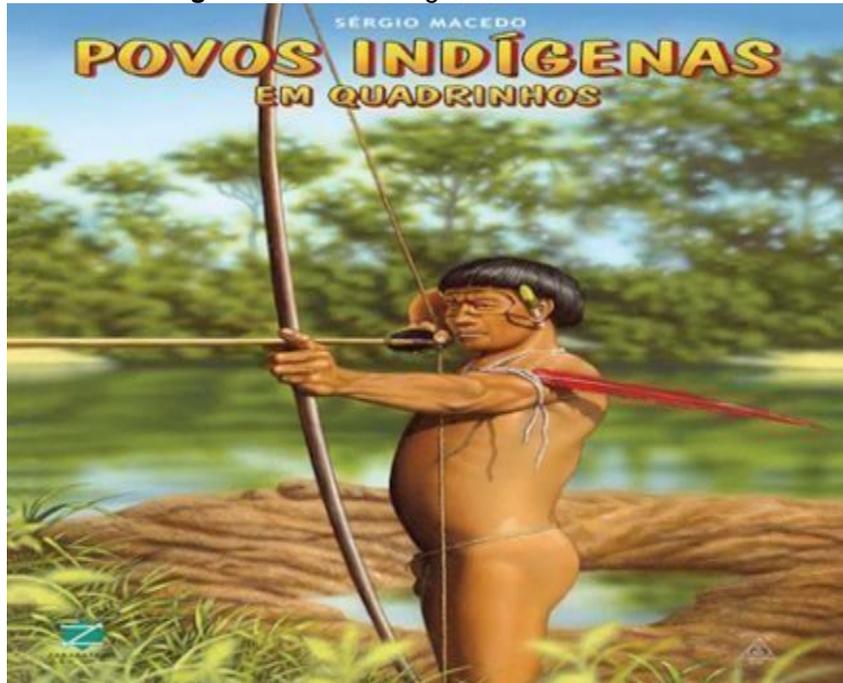
[...] constitui a representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento. Isso quer dizer, portanto, que um quadrinho se diferencia de uma fotografia, que capta apenas um instante, um átimo de segundo em que o diafragma da máquina fotográfica ficou aberto. Assim, dentro de um mesmo quadrinho podem estar expressos vários momentos, que, vistos em conjunto, dão a ideia de uma ação específica (VERGUEIRO, 2010, p. 35).

Assim, as HQs podem ser utilizadas não apenas como instrumentos complementares, mas também como objeto central de ensino de História, é o caso das HQs que trabalham diretamente conteúdos específicos, direcionados a determinados temas por área de conhecimento.

Segundo Antônio Cagnin (2015), assim como o cinema e outros sistemas de imagens e comunicação de massa, esse tipo de histórias em quadrinhos narram fatos e feitos, sendo em essência uma história em imagens. Esse material proporciona ao estudante a possibilidade de interpretação única e pessoal para os eventos por ela tratados, fazendo um papel importante na construção do conhecimento histórico.

Alguns exemplos de Histórias em Quadrinhos nacionais e estrangeiras, abordando temas históricos, é a figura 5, que traz a capa do álbum Povos Indígenas (2012), de Sérgio Macedo, que relatou suas experiências de contato direto com indígenas no Mato Grosso em duas obras Xingu (2008) e Povos indígenas (2012), relacionadas a diferentes etnias brasileiras como Yanomami, Xavante, Suruí e Panará. (MACEDO, 2012).

Figura 4 – Povos Indígenas em Quadrinhos



Fonte: PEREIRA, Cláudia. Povos Indígenas em Quadrinhos: narrativas visuais do artista brasileiro Sérgio Macedo, em defesa da preservação do Patrimônio Cultural Indígena. Revista alter IBL, [s. l.], v. 1, ed. 1, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu>.

A próxima imagem é parte da obra Cumbe (2014), de Marcelo D'Saete, com publicações internacionais em Portugal e na França. Trata-se de uma HQ que mostra a história da resistência negra e opressão do Brasil Colônia, assunto na maioria das vezes sufocado pela literatura convencional. (XAVIER, 2017), como pode ser observado na figura da sequência.

Figura 5 - Cena de HQ CUMBE



Fonte: D'SALETE, Marcelo de. Cena de HQ CUMBE. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Cena-da-HQ-Cumbe-2014-de-Marcelo-DSaete_fig2_317055699

As HQs também podem ser vistas como veículo de troca de cultura e divulgação de diferentes hábitos, como é o exemplo dos Mangás, nome que define as HQs japonesas, “caracterizadas por suas tiragens astronômicas e por um estilo peculiar de desenho e produção”. Esse estilo de produção vem ganhando fãs no mundo todo além de oferecer ao mundo ocidental a possibilidade de ligação com uma cultura antes tão distante, a cultura oriental. (LUYTEN, 2012).

Com o advento da tecnologia, as HQs também decolaram e se adaptaram. Seus produtores passaram a desenvolver um estilo ainda mais atraente e que consegue envolver o leitor do séc. XXI. Os espaços de exposição também foram expandidos, podendo ser encontrados nas redes sociais, nos Blogs, em revistas eletrônicas. Esse desenvolvimento marca o criação de mais um gênero de quadrinhos chamado de *webcomics*⁴ e HQtrônicas⁵, esses incluem, entre outras mudanças, trilha sonora, tela infinita e interatividade. (FRANCO, 2012).

Sem dúvida, quando o professor lança mão de todas essas opções, ele pode estimular o envolvimento dos estudantes em suas aulas, já que traz para a sala de aula um mundo vasto de possíveis interpretações e faz referências a uma linguagem que a juventude se identifica.

Na dissertação de Marcello Fronza (2007), intitulada “Significado das Histórias em Quadrinhos na Educação Histórica dos Jovens que estudam no Ensino Médio”, existe já um estudo realizado sobre HQs, no qual o mestrando estuda as contribuições dessa linha de investigação no contexto das salas de aula de uma escola pública em Curitiba – PR. Foram escolhidos para este trabalho os quadrinhos de tema histórico Asterix e Cleópatra, como estudo de caso. A dissertação foi dividida em três capítulos nos quais foram abordadas a relação entre cultura e escola, a teoria das histórias em quadrinhos baseadas nas concepções de Mikhail Bakhtin e da teoria das comunicações de Umberto Eco. (FRONZA, 2007).

Marcello Fronza (2007) observa a presença dos quadrinhos nos livros didáticos e, quando existentes, suas funções. Como metodologia, o autor usa os campos da etnografia como conversas e questionários com os estudantes, o que resultou na

⁴ Quadrinhos on-line, web quadrinhos ou ainda web comics, são histórias em quadrinhos cuja publicação é veiculada exclusivamente pela internet.

⁵ Narrativas hipermediáticas híbridas que misturam elementos da sintaxe tradicional dos quadrinhos às possibilidades da hipermedia.

tabulação dos resultados e dados obtidos.

Dez anos depois, desenvolveu-se outro trabalho sobre o tema quadrinhos, sendo esse no curso de Pós-graduação, PROFHISTORIA da Universidade Federal de Santa Catarina, do mestrando Fabio Aquino de Almeida, com o título “Para Ler a Mônica - Reflexões sobre quadrinhos, indústria cultural e ensino de História”, 2017.

Almeida (2017) discute as relações materiais estabelecidas pela história em quadrinhos que ultrapassam a construção de uma consciência histórica para moldarem outras relações de consumo e ideologia, partindo da perspectiva de consciência histórica de Jörn Rüsen e a pedagogia crítica baseada em Paulo Freire. Almeida (2017) levanta também os problemas relacionados ao uso dos quadrinhos, um desses problemas é que trazem em si verdades prontas e como fazer com que essa representação possa ajudar no processo ensino-aprendizagem. Porém, essa última questão, a princípio já está respondida, devido à aceitação e naturalização desses elementos pelos estudantes durante a aplicação do projeto.

Cerri (2006 apud Almeida, 2007), defende que os quadrinhos têm linguagem própria e são repletos de especificidades estruturais. Usando as figuras de quadrinhos de 1960, a pesquisa mostra que os quadrinhos podem apresentar outras interpretações diferentes do oficial, com critérios sempre sujeitos ao contexto social e ideológico. Para finalizar, é realizado o estudo de uma das coleções da Turma da Mônica em que são relacionadas narrativas de vários acontecimentos ligados à História do Brasil.(ALMEIDA, 2017)

Em seu artigo *Livros Didáticos de História e História em quadrinhos: perspectivas Históricas*, Leite (2013), por sua vez, aborda a utilização das HQs nos livros didáticos. Segundo ele, o livro didático cria um vínculo com a cultura de massa ao trazer em suas páginas as HQs, e assim fazendo despertar o interesse do estudante para o conhecimento.(LEITE, 2013)

Essa é a nossa perspectiva quando propomos usar as HQs da mulher maravilha, despertar o interesse do estudante pela reflexão, análise e observação da história, mas consideramos importante o destaque dado por Leite (2013) e Almeida (2017) sobre os cuidados que o professor deve ter com o conteúdo dos quadrinhos, por eles fazerem parte da cultura de massa e também por estarem carregados de posições ideológicas e simbologias que precisam ser problematizadas.

2.2 As HQs da Mulher Maravilha

A maioria dos heróis das histórias em quadrinhos teve sua origem entre as décadas de 30 e 40. Devido o contexto de ascensão dos regimes totalitários na Europa, imigrantes judeus que fugiam da perseguição nazista buscavam abrigo e segurança nos EUA. Os judeus, para não sofrerem com a discriminação dos norte-americanos, mudavam seus nomes ou usavam pseudônimos e começaram a criar personagens contando suas experiências da comunidade judaica nos EUA, também criaram heróis que, em suas histórias, lutavam pela manutenção da democracia, igualdade e justiça no mundo. (VILELA, 2015).

Figura 6 - Breve cronologia sobre os super - heróis e a segunda guerra:

Junho de 1938	Primeira publicação do Super-Homem, na revista <i>Action Comics #1</i> .
1º de Setembro de 1939	Começa a Segunda Guerra Mundial.
Fevereiro de 1940	Criadores do Super-Homem fazem uma história especial para a revista <i>Look</i> , de como o Homem de Aço terminaria com a Guerra. A história e os autores foram hostilizados por Gobbels e o Jornal da SS.
22 de Junho de 1940.	França capitula frente à Alemanha nazista. Após esse episódio, os quadrinhos de super-heróis passam a reforçar ainda mais a propaganda anti-Eixo.
Março de 1941	Primeira aparição do maior ícone da Segunda Guerra Mundial dos quadrinhos: o Capitão América, na <i>Captain America Comics #1</i> . Ao contrário do Super-Homem, que falava de Justiça, Liberdade e American Way of Life, mas era um alienígena, o Capitão América apresentava-se como um verdadeiro norte-americano. Ele já combatia nazistas e japoneses antes mesmo de Pearl Harbor. Esgotou logo na primeira edição.
7 de Dezembro de 1941	Ataque a Pearl Harbor, seguida pela declaração de guerra dos EUA ao Japão e da Alemanha e da Itália aos EUA. Após esse episódio os super-heróis passam a combater diretamente nas frentes de batalha.
1943-1944	EUA mobiliza a sociedade para o esforço de guerra e isso significou forte crescimento da produção de guerra. Neste período, estima-se que os Estados Unidos fabricam um navio por dia e um avião a cada cinco minutos. Os quadrinhos de super-heróis estimulam a participação no esforço de forma contundente.
6 de Junho de 1944	O Dia D, com a invasão das forças aliadas na Normandia.
2 de Setembro de 1945	Os japoneses rendem-se incondicionalmente. A Segunda Guerra Mundial chega ao fim, assim como o interesse dos leitores por histórias e super-heróis vinculados a ela.
Fevereiro de 1950	Com a popularidade cada vez menor e sem conseguir se desvincular com a Guerra, sai a última edição da primeira série da revista Capitão América: <i>Captain America #75</i> .

Fonte: CORRÊA, Luís Rafael Araújo. **Os super heróis como propaganda de guerra- Quadrinhos e a Segunda Guerra Mundial**. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@historiaemrede/os-super-her%C3%B3is-como-propaganda-de-guerra-os-quadrinhos-e-a-segunda-guerra-mundial-d5f8ec91d94>

No quadro anterior, pode ser observada a coincidência de datas entre a

Segunda Guerra Mundial e as HQs norte-americanas. Nele estão registrados apenas os heróis do sexo masculino, porém, não significa que elas, as heroínas, também não tiveram uma participação nesse momento da História. Pelo contrário, foram criadas várias personagens com a mesma atuação na guerra.

Os objetivos para a criação dos heróis no início da década de 1930 estavam relacionados em tirar os EUA da crise econômica, que começou em 1929, e mais tarde com guerra acontecendo, fazendo com que a opinião pública fosse favorável à entrada do país na Grande Guerra. Por meio dos heróis das famosas HQs da época, começa a se desenvolver a imagem da supremacia norte americana sobre os regimes totalitários que assolavam a Europa.

A influência foi ainda mais reforçada na população mais jovem, em que a ideia do amor pela pátria e envolvimento de seus cidadãos na guerra para preservação de sua soberania. Tal ideia estava explícita em vários aspectos dos heróis como, na cor de seus uniformes, em seus diálogos e até mesmo no nome, como é o caso do herói Capitão América, criado em 1940. Igualmente, em histórias que contavam sobre o alistamento de muitos heróis na guerra depois do ataque a Pearl Harbor em 1941, desde então até 1945 foram criados cerca de 400 super - heróis, sendo que a maioria deles desapareceu após o fim do conflito. (CORRÊA, 2019).

Como não podia ser diferente, a participação feminina na guerra também foi estimulada nos quadrinhos americanos, através da criação das heroínas que em seus episódios lutavam bravamente dentro e fora da guerra.

A historiadora Natania Nogueira (2014) escreve sobre essas personagens destacando nomes como Miss Fury. Criada em 1940 por June Tarpé, Miss foi a primeira super-heroína imaginada por uma mulher, com o propósito similar ao da Mulher Maravilha. Ela tinha uma roupa especial que a proporcionava superpoderes. No entanto, a heroína tinha ressalvas em usá-la, pois sabia da responsabilidade que a vestimenta trazia.

A *War Nurse*, personagem feminina inspirada no esforço de guerra e criada pela ilustradora Jill Elgin, fez sua primeira aparição na *Speed Comics #13*, em 1941. Mais tarde outra cartunista, Barbara Hall, (com o pseudônimo B. Hall para esconder sua identidade feminina e melhor se firmar no mundo dos quadrinhos) enriquece a personagem ao criar a *Girl Commandos*, adicionando outras personagens bem femininas às suas histórias. A criação de personagens alimentou esperanças feministas de igualdade, estimulando movimentos de luta pelos direitos femininos em

vários países. (NOGUEIRA, 2014).

Essa equipe única na história dos quadrinhos era formada apenas por mulheres; cada uma com uma nacionalidade diferente. Além de Pat Parker, faziam parte da Girl Commandos: Ellen Billings, britânica e amiga de Pat, Tanya, uma "fotógrafa oficial soviética", Penelope "Penny" Kirt, uma repórter de rádio americana e Mei-Ling, uma chinesa que se junta à equipe para vingar a morte de sua família nas mãos do exército japonês. A Girl Commandos foi publicada até 1947. É relevante destacar que foi uma história em quadrinhos produzida por mulheres, Jill Elgin (1941-1943) e Barbara Hall (1942 e 1945); esta última passou a assinar como Barbara Calhoun. (NOGUEIRA, 2014)

Figura 7 – Pat Parker e o Girl Commandos



Fonte: Pat Parker e o Girl Commandos @ Domínio Público. 1942

A imagem da cartunista Barbara Hall mostra parte dos quadrinhos das Girls Commandos em ação contra as forças nazistas. É interessante pensar que não parece casual usar uma enfermeira como heroína contra as forças nazistas, pois faz referência a essa importante atuação neste contexto. Isso certamente também servia para a politização feminina. Por outro lado, o fato de mostrar as heroínas revelando parte do corpo, em um contexto histórico em que isso não era usual, revela o público leitor/consumidor dos quadrinhos, ou seja, o leitor masculino.

A partir de março de 1941, era comum aparecer nas capas dos gibis imagens de heróis da América humilhando, socando ou depreciando Hitler, Mussolini, Tojo e seus aliados do Eixo. Os japoneses eram os mais citados nas HQs como vilões e

sempre eram representados em desenhos de monstros com grandes dentes e óculos de fundo de garrafa.

Figura 8 - CAPITÃO AMÉRICA: ORIGEM E PRIMEIRAS AVENTURAS



Fonte: SANTIAGO, Luiz. CAPITÃO AMÉRICA: ORIGEM E PRIMEIRAS AVENTURAS (1941). Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-capitao-america-1-a-5-1941>

A imagem supracitada é a capa da primeira edição de Capitão América, publicado em 1941. Mas, infelizmente, não existem muitos exemplares dessa época, já que no período de guerra, tudo era reciclado, e quem tinha em sua casa uma revista em quadrinhos era convidado a colaborar com a obtenção de lucros para o país através da reciclagem dessas revistas. Portanto, qualquer gibi que tenha conseguido chegar aos dias atuais vale uma pequena fortuna. (VILELA, 2020).

Quando a Segunda Guerra Mundial acabou, em 1945, as HQs sofreram um impacto em sua produção e consumo, já que o assunto principal eram os heróis na guerra. A indústria das HQ só volta ao sucesso em 1955, quando começa a abordar assuntos relacionados à ficção científica e reinvenção de personagens clássicos, que despontavam na chamada era de prata nos EUA. (FERREIRA, 2016).

A história dos quadrinhos é muito mais instigante vista de perto. O público que apenas consome não tem ideia do quanto esse material tem de representação do cotidiano ou até mesmo da própria história de seus autores e desenhistas. Vale ressaltar o contexto em que vivem ou viveram esses autores, com seus medos,

desafios, vivências e sentimentos que são reproduzidos em suas histórias, o que leva a entender que o leitor deve ser orientado a observar esses detalhes escondidos nas entrelinhas, nos desenhos nas paisagens, no cenário e em tudo mais que uma imagem pode trazer. Dessa análise, nasce a prática de reflexão sobre o contexto da época de criação, produção e publicação de um gibi. Conseqüentemente, essa prática pode se tornar frequente ao leitor quando o mesmo acessar os diversos canais didáticos informativos.

Apesar de serem mal vistas por muitos anos do século XX, as histórias em quadrinhos conseguiram romper a barreira do tempo e chegar à contemporaneidade com força total, mais ainda por conta dos destaques em filmes, séries, jogos e outros materiais de divulgação da cultura de massa. No Brasil, essa arte chegou também no séc. XX, e com força total, as primeiras eram apenas cartuns, charges ou caricaturas que mais tarde se organizaram nas conhecidas tirinhas.

Desde sua origem, as HQs traziam muito mais que diversão e humor, elas também carregam mensagens, informações, instruções e contribuições literárias para diversos assuntos, e nada melhor para representar os quadrinhos do que os seus tão famosos personagens, que se apresentam nos mais variados estilos, performances e linguagens próprias.

Entre os inúmeros personagens criados, alguns conquistaram o público desde sua primeira aparição, são os casos de Batman, Super Homem e a Mulher Maravilha, que usaremos de objeto para estudo neste trabalho.

Muitos dos heróis das HQs são dotados de poderes ausentes em seres humanos comuns. Esses poderes sempre estão carregados de ideologias, mensagens culturais e visão de mundo de seus autores como também servem de influência para reforçar padrões e mitos da sociedade em que está se desenvolvendo a história. Assim, as HQs conseguem transmitir hábitos e costumes de gerações passadas, trabalhando a memória e a ressignificação dos mesmos.

O papel dos heróis seria sim de reafirmar valores que, com o tempo, podem ser esquecidos pelos mais jovens, mas nessa conjuntura outros valores relacionados à cultura de massa capitalista, tais como a beleza padronizada e o consumo desenfreado acabam presentes com o personagem.

Não se pode deixar de lado o potencial de reflexão e discussão que as HQs permitem ao seu público, se esse for bem direcionado e estimulado, com questões problematizadas, direcionadas a destacar um determinado tema, situação ou até

mesmo um acontecimento em destaque.

Nesta pesquisa, trazemos uma reflexão sobre a representação feminina nos quadrinhos da Mulher Maravilha, nos EUA, e seu papel na sociedade principalmente entre os anos de 1939 a 1945, período relacionado à Segunda Grande Guerra, quando os homens estavam destinados ao combate, enquanto que, para grande parte das mulheres, destinava-se à missão tão ou mais importante quanto a dos homens, a de manter a casa e, conseqüentemente, o país, ambos funcionando econômica, emocional e socialmente falando. (RODRIGUES, 2011), Porém, nesse contexto de guerra, em maio de 1942, o presidente norte americano Roosevelt criou a WAAC, com 150 mil mulheres alistadas para ocupar cargos no exército, sem se envolverem no combate, abrindo espaço para que mais homens pudessem ser direcionados ao *front*. (LEPORE, 2017).

A Mulher Maravilha é uma personagem que possui características bem distintas das personagens femininas existentes na década de 1940, pois ela trouxe para o mundo das HQs habilidades como força, poder e preocupação em proteger os mais fracos. Defensora da justiça e igualdade, ela traz qualidades nunca dantes vistas, destacadas ou ligadas à representação da mulher do mundo ocidental até então. Nos anos anteriores, as representações femininas que apareciam nas HQs eram carregadas de muita malícia, inferioridade, banalidade e muita luxúria.

Ela se mostra como uma mulher forte, poderosa, bonita, ainda que carregada de muita sensualidade, porém em menor dimensão que as personagens anteriores. Desde sua estreia, em 1941, tornou-se o símbolo da igualdade de gêneros, ganhando destaque nas lutas feministas a partir da década de 40. Seu apogeu foi em 1972, quando se tornou capa da revista feminina “*Ms. Magazine*”, consagrando-se como símbolo de igualdade e empoderamento feminino, numa sociedade de cultura patriarcal. (FERRARI, 2020).

Willian Marston foi o criador do quadrinho da mulher maravilha. Foi estudando em Harvard que teria tido os primeiros contatos com as ideias de igualdade de gênero. Ao criar a personagem em quadrinhos Mulher Maravilha, Willian teve por inspiração várias mulheres destemidas que fizeram parte da sua vida direta ou indiretamente em diferentes épocas e espaços, sendo elas: Elizabeth Cady Staton, norte-americana, escreveu em 1848 a “Declaração de Sentimentos”, que continha uma série de direitos (inspirados na Declaração de Independência dos EUA), exigidos pelas mulheres na luta pela igualdade e conquista da cidadania norte americana feminina. Emmeline

Pankhurst, sufragista britânica que em 1903 fundou a União Social e Política das Mulheres, acorrentou-se à cerca de Downing Street e foi presa por cinco vezes lutando pela igualdade de gênero. Florence Kelley, norte-americana, defendia direitos trabalhistas para as mulheres, como salário mínimo, jornada de oito horas e o fim do trabalho infantil, tornou-se popular quando fez sua primeira palestra em 31 de outubro de 1911 em Harvard, numa campanha da Liga Masculina de Harvard pelo sufrágio feminino. Sadie Elizabeth Holloway, sufragista, amiga de William, nascida na Ilha de Man (o que mais tarde inspirou o lugar de origem da Mulher Maravilha). (LEPORE, 2017, p.23).

Há um grande movimento em curso – O crescimento do poder da mulher. “Foi o que William Marston escreveu a seu editor, Sheldon Mayer, em 1941, junto ao seu primeiro roteiro, para a materialização da personagem em desenho. William escolheu Harry G. Peter, que também se via envolvido com os movimentos sufragista e feminista da Era Progressista (LEPORE,2017,p23)

Em abril de 1942, um novo roteiro foi desenvolvido por outro quadrinista chamado Gardner Fox. Nele a atual personagem sofre uma mudança com relação aos seus objetivos e comportamento, mostrando sinais de melancolia e fraqueza, chegando a ser inútil sua existência nos quadrinhos, em que a Mulher Maravilha é apenas uma secretária toda desconcertada, que trabalhava de maiô. O que fez com William seu criador ficasse furioso e escrevesse um novo roteiro onde a Mulher Maravilha pilota um foguete no espaço, sendo responsável por combater o mal, a injustiça, a intolerância e convocando outras mulheres para lutarem ao seu lado. (LEPORE, 2017, p.260).

A Mulher Maravilha de William é tão forte quanto o Superman, só pode ser atingida se seus braceletes forem soldados por homens a correntes, esse ponto fraco faz alusão à submissão feminina à dominação masculina. “Ela não foi criada para ser uma supermulher; foi criada para ser todas as mulheres” (LEPORE, 2017,p.272)

Beatriz Pan Chacon (2010) aponta o quanto algumas características da fragilidade feminina foram destacadas nas personagens de histórias em quadrinhos criadas entre os anos 1940 e 2002. A criação da Mulher Maravilha trouxe voz de guerreira às mulheres desde então, apesar dessa voz só começar a ser ouvida no final do séc. XX, e só a partir daí começar a ter publicidade e reconhecimento à crítica

sobre a invisibilidade da condição feminina como parte ativa da sociedade em que ela está inserida.

Ao analisar o álbum *Princesa Amazona* de Alex Ross e Paul Dini, Chacon (2010) descreve que as heroínas não eram muito levadas a sério e que a chegada da personagem em quadrinhos da Mulher Maravilha ao Brasil só ocorreu depois de quase uma década de sua criação nos EUA, com o interesse de reforçar a preservação e manutenção de mitos americanos, como o da América sendo símbolo de liberdade e seus poderes bélico e econômico indestrutíveis. E, poderíamos acrescentar, como defensores dos valores democráticos em todo o Ocidente, em detrimento, por exemplo, da URSS.

A Mulher Maravilha se desdobra em resolver vários problemas como acidentes, crime ambiental, roubos, ladrões cibernéticos, terrorismo e outros. Essa habilidade da personagem em resolver tantos conflitos faz com que ela, no séc. XXI passe a ser vista não só como uma heroína americana, mas sim como alguém que tem atuação em todo o planeta. No álbum analisado aparecem cenas relacionadas a vários momentos da História contemporânea, entre eles, a atuação da personagem no desdobramento da cena de uma jovem em frente a um tanque chinês na Praça Celestial, em 1989, também em outra ocasião o uso de camponeses como escudo humano (CHACON, 2010).

O trabalho realizado por Beatriz Chacon (2010) fez uma aproximação entre as histórias em quadrinhos e o mundo real, por ser um material rico e disponível a todo tipo de público. A HQ da Mulher Maravilha pode trazer vários temas relacionados ao ensino de História. Suas mudanças ao longo de décadas permite a ligação com as mudanças ocorridas em cada época de suas histórias, ao apontar temas importantes sobre poder, democracia, feminismo, discriminação, resgate da memória histórica feminina, como suas contribuições na construção do mundo contemporâneo. (CHACON, 2010).

Com o intuito de investigar o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, as acadêmicas do Instituto Superior do Amapá, Beatriz Palmerim, Kellen de Assis, Luana Moraes, Ercilene de Souza (2010) analisam a aplicabilidade dessa metodologia no Ensino Fundamental II, usando os quadrinhos da Mulher Maravilha como objeto de estudo para discurso de gênero.

As autoras defendem que o uso dessa metodologia faz com que outros recursos didáticos, além do livro, possam ser utilizados, ao possibilitar uma

aproximação do conteúdo com o dia a dia dos estudantes.

O trabalho feito pelas acadêmicas foi dividido em três fases. Na primeira elas se embasam de suporte teórico para fundamentar sua pesquisa. Na segunda fase, vão até a escola para coletar informações com os estudantes e professores por meio de questionários. Já na terceira, demonstram a constatação de sua pesquisa com a tabulação das respostas feitas nos questionários.

O artigo traz resultados positivos sobre o uso das HQs, principalmente como instrumento pedagógico multidisciplinar, havendo, assim, inúmeras possibilidades em sua utilização, devido a sua diversidade de temas e formas, o que também ajuda o estudante a desenvolver um pensamento crítico e reflexivo sobre o mundo em que vivemos.

Ao serem questionados, os estudantes mostraram interesse sobre as heroínas das HQs, principalmente a personagem Mulher Maravilha. Alguns têm conhecimento de sua trajetória, já que praticam a leitura de seus quadrinhos e assim conseguiram dialogar sobre temas como igualdade de gênero, sexualização das mulheres nas HQs, a ideologia defendida nas cores de sua roupa e quanto à criação de tantas outras heroínas agora no séc. XXI (PALMERIM, MORAIS, SOUZA, 2010).

A professora da turma defende as HQs como material rico e atraente para desenvolver nos estudantes o gosto pela leitura, a capacidade reflexiva e argumentativa em questões polêmicas do mundo contemporâneo. (PALMERIM; MORAES, 2017).

É grande o potencial das HQs no ensino de História e pode ser mais do que apenas um recurso pedagógico. Elas podem ser usadas para compreensão de conceitos de tempo, ideia de simultaneidade, quando trazem recordatórios como: mais tarde ou logo depois. Mostram figuras de relógios, astros celestes, sombras e flashbacks de personagens, tais recursos trazem ao leitor a percepção de diferentes tempos, o natural, o capitalista, o biológico, o comercial, o fabril e outros.

Vale ressaltar que o flashback é um recurso eficiente no entendimento do conceito de memória pelos estudantes. As muitas narrativas feitas por vários personagens possibilitam uma reflexão sobre as diferentes versões de um fato e suas subjetividades. (VILELA, 2004, p.109 e 110). Ademais, segundo Villela (2004), no ensino de História as HQs podem ser utilizadas sob enfoques variados como:

Para fornecer ou ilustrar uma ideia de aspectos da vida social de

comunidades do passado, é o caso dos quadrinhos considerados históricos. Para serem lidos e estudados como registro da época em que foram produzidos.

Exemplo: as tiras da série Chiclete com banana, do cartunista brasileiro Angeli, que podem ser vistas como um registro da realidade e da vida noturna dos grandes centros urbanos brasileiros – São Paulo especialmente – nos anos 1980.

Para serem utilizados como ponto de partida de discussões de conceitos importantes para a História. Exemplo: As aventuras de Conan o Bárbaro, um excelente ponto de partida para debater e questionar os conceitos de “bárbaro” e “civilizado” (VILELA, 2004, p.109 e 110).

A variação nas formas de leitura é mais uma característica das HQs, que possibilitam desde ilustrar épocas, arquiteturas, roupas, armas, utensílios, símbolos de época, linguagem cultural, todos esses podem produzir reflexões e debates de conceitos e aspectos importantes concernentes ao mundo contemporâneo, vale aqui destacar a relevância do professor chamar a atenção para as falas presentes nas HQs, pois elas podem ser consideradas oportunidades de pesquisa e interpretação pelos seus leitores, no caso deste trabalho as falas podem ser uma oportunidade de interação com o professor de inglês na elaboração da tradução das falas presentes.

Mas também é preciso fazer alguns questionamentos quanto à leitura de HQs como documentos históricos, como destaca Vergueiro (2004). É necessário ainda ver:

1) quem são os autores, ou o criador do herói ou heroína; a fim de questionar as possíveis intenções; 2) trazer à tona os vários atores (como roteiristas, desenhistas, etc), que contribuíram para o trabalho e não são lembrados pelo público; 3) observar, na medida do possível, quando e onde surgiu a personagem, e ver se é possível identificar isso na linguagem e estilo; 4) verificar o lugar da fala, se está ligado a algum movimento ou ideologia, como ocorre, por exemplo, com o Pantera Negra; 5) investigar o público leitor para o qual se dirige as mensagens e as imagens veiculadas nas HQs; 6) refletir sobre a eventual finalidade pedagógica das HQs, ou seja, se elas possuem uma crítica social e política, como, por exemplo, foi o caso dos X-MEN, que fala do preconceito e discriminação com grupos minoritários. (RAMA et al, 2004, p.109e 110).

Entre as propostas apresentadas a obra *Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula* destaca a criação de uma HQ pelos estudantes, que seria feita depois de uma pesquisa séria em veículos idôneos, sobre o tema ou assunto definido pelo professor. Ao realizar esse passo, o estudante irá entender e evitar o anacronismo presente em muitos quadrinhos. A produção de quadrinhos faz com que detalhes como ambiente, roupas, decoração, arquitetura sejam observadas com maior atenção, além de que a composição de um roteiro deve ser de acordo com

as características do personagem e do tempo em questão, nesse caso, podendo recorrerdo anacronismo intencional para construção de tirinhas de humor. O que faz do estudante um quadrinista é exatamente a pesquisa, a investigação em fontes confiáveis para que sua HQ traga uma visão mais próxima ao tema representado em sua produção. (RAMA et al., 2004).

2.3 O ensino da História das mulheres

Para falar da Mulher Maravilha precisamos também conhecer e refletir sobre o próprio ensino da história das mulheres. Um material valioso que nos possibilita ouvir as mulheres com maior nitidez e sem filtros é o livro *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher*, Aleksievitch (2016) a obra é vencedora do Prêmio Nobel De Literatura 2015. Neste trabalho etnográfico belíssimo, a pesquisadora Svetlana Aleksievitch em seus registros traz som às vozes de quase um milhão de mulheres russas que viveram a amarga experiência de estarem lutando numa guerra. A autora parte de relatos do quanto sua infância foi influenciada pela guerra e a morte, desde então seu interesse por tudo que cerca esse momento histórico só foi crescendo, segundo ela a reflexão sobre a morte foi o que mais a inquietou e impulsionou para a pesquisa, fazendo com que sua vida por um longo tempo se confunde com a vida de suas entrevistadas. “Textos, textos. Textos para todo lado. Nos apartamentos da cidade e nas casas de campo, na rua e no trem... Vou escutando ... Cada vez mais vou me transformando em um grande ouvido, sempre voltado para outra pessoa. “Leio” a voz”. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.16)

O livro em questão é feito de relatos femininos dos anos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), experiências estas que foram silenciadas por serem consideradas menos importantes do que os relatos masculinos já existentes e, por isso, não estão presentes na bibliografia do ensino de História oficial.

...Quando as mulheres falam , não parece nunca, aquilo que estamos acostumados a ler e escutar: como umas pessoas heroicamente mataram outras e venceram. Ou perderam. Qual foi a técnica e quais eram os generais. Os relatos femininos são outros e falam de outras coisas. A guerra “feminina” tem suas próprias cores, cheiros, sua iluminação e seu espaço sentimental. Suas próprias palavras. Nela, não há heróis nem façanhas incríveis, há apenas pessoas ocupadas com uma tarefa desumanamente humana. Ali não sofrem apenas elas (as pessoas!), mas também a Terra, os pássaros e as árvores. Todos os que vivem conosco na terra. Sofrem sem palavras, o que é ainda mais terrível. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.12)

É interessante o professor e a professora de História fazer uma leitura desse livro a fim de ampliar seus conhecimentos sobre a História das mulheres e sua participação na Segunda Guerra Mundial, a sugestão é que possam ser lidos, analisados e discutidos alguns trechos do livro também com os estudantes e dessa forma apresentar aos jovens mais uma fonte histórica além do livro didático trabalhado. (ALEKSIEVITCH, 2016).

Relacionada a HQs, outra leitura interessante é a dissertação premiada de Veloso (2018), que fez a adaptação do livro, “Caetana Diz Não: História de Mulheres da Sociedade Escravista” Graham (2002), para uma HQ. Na proposta Veloso (2018), destaca dois pontos, sendo o primeiro o quanto é produtivo a utilização das histórias em quadrinhos na construção da consciência histórica no Ensino de História. Ao fazer uma discussão sobre gênero na sociedade escravista do Brasil Império, a pesquisadora diz que os quadrinhos também podem tratar de valores humanos essenciais, criando pontes com o conhecimento histórico de uma forma que não pode ser reproduzida num simples esquema de lousa. (VELOSO, 2018)

O mais interessante é que a dissertação oferece um material de apoio para professores e estudantes, onde contêm detalhes importantes sobre a obra e a época em questão, desse modo a pesquisa se torna mais um referencial sobre mulheres negras para uso didático.

No Brasil, a luta pela emancipação das mulheres não é nova, no início do séc. XIX, oficialmente, podem ser encontrados registros dessa organização feminina no caminho para a visibilidade. Antes disso todas as figuras femininas importantes na História brasileira de alguma forma foram silenciadas, apagadas ou até mesmo tiveram suas imagens distorcidas pela historiografia oficial, personagens como D. Carlota Joaquina era louca, D. Leopoldina, melancólica e mal amada, Domitila de Castro, apenas uma mundana e assim por diante. É como se nenhuma delas pudesse ter existido além do estereótipo que lhes foi imposto.

É difícil entender como isso acontece, já que vários fatos importantes da História do Brasil foram protagonizados por mulheres, a questão é que faltam registros oficiais que contemplem a História das mulheres, sendo esse silenciamento um dos principais fatores de fortalecimento do sistema patriarcal, que afirma ser apenas o lar o espaço da mulher e sua única função cuidar somente de tudo que se relaciona a ele a seu marido e seus filhos.

O que o estudo da História das mulheres nos propõe é um olhar mais atento aos fragmentos da História que durante muito tempo foram negligenciados por conterem apenas relatos, depoimentos, utensílios ou qualquer

outro registro da história das mulheres.

Trazer à tona a participação das mulheres na construção do mundo que hoje vivemos é trazer à vida fatos e pessoas esquecidas e emudecidas em seu tempo e espaço. (MULLER, 2019).

CAPÍTULO III

2. PROPOSTA DIDÁTICA DE HISTÓRIA PARA SER USADA NO ENSINO MÉDIO

3.1 Os livros didáticos de História do CEM Gurupi

O programa PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), ao contrário do que se imagina, não é novo, ele vem se desenvolvendo desde 1937, quando se denominava Instituto Nacional do Livro (INL). Desde então foram feitas muitas mudanças significativas para a educação, dentre elas, os investimentos da União, a participação dos professores na escolha do livro de sua disciplina, além da definição de critérios nos processos de avaliação desses livros e seus conteúdos. Com a nomenclatura PNLD, o programa do livro só se apresenta a partir de 1985.

Em 1985, com a edição do Decreto nº 91.542, de 19/8/85, o PLIDEF (Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental) dá lugar ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que traz diversas mudanças, como:

01. Indicação do livro didático pelos professores;
02. Reutilização do livro, implicando a abolição do livro descartável e o aperfeiçoamento das especificações técnicas para sua produção, visando maior durabilidade e possibilitando a implantação de bancos de livros didáticos;
03. Extensão da oferta aos alunos de 1ª e 2ª série das escolas públicas e comunitárias.

O avanço tecnológico também alcançou o Programa e, a partir de 2012, foram acrescentados objetos educacionais complementares aos livros impressos. Esse material multimídia, que inclui jogos educativos, simuladores e infográficos animados, foi aprimorado até chegar ao que hoje são os sites interativos de algumas editoras.

Tenho vivido e participado de grande parte desse processo, desde quando era estudante, que me valia dos livros como único material existente para pesquisa, até nos dias atuais, como profissional da educação, em que o livro passou a ser apenas mais uma ferramenta para o aprendizado dos estudantes, sendo crucial para viabilizar o trabalho do professor em sala de aula, haja vista a alta carga horária de trabalho, que dificulta ficar realizando pesquisas e estudos sobre as mais diversas temáticas a

serem discutidas com estudantes em um curto espaço de tempo.

Observo que muito se avançou nesse material, principalmente na questão da participação do professor na escolha, porém, muito ainda precisa ser feito para garantir que todas as vozes envolvidas no processo educacional sejam ouvidas, garantindo assim uma participação democrática e efetiva na formação de nossos estudantes.

Nas escolas municipais e estaduais de Gurupi, a escolha é realizada no Ensino Fundamental de quatro em quatro anos, e no Ensino Médio de três em três anos. Vale ressaltar que o tempo reservado aos professores para que essa escolha possa ser feita, com mais responsabilidade, é pouco e de má qualidade, já que isso é feito simultâneo às aulas. Acredito que, se fossem reservadas horas e promovidos encontros entre os profissionais envolvidos, haveria uma melhor escolha desse material.

Outro problema que podemos observar quando se trata de livros didáticos é quanto à responsabilidade do estudante e também da escola na conservação, manutenção e devolução desse material em bom estado para reutilização dos próximos estudantes dos anos posteriores.

Ao analisar a coleção de livro didático HISTÓRIA - passado e presente- dos autores e professores Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi - PNLD 2020, utilizado pelos estudantes do CEM de Gurupi, podemos observar que seus autores pouco utilizam o recurso dos quadrinhos para ilustrar os conteúdos trabalhados pela Coleção escolhida.

No livro destinado à primeira série não foi encontrado nenhum quadrinho ou tirinha, porém, foram utilizados recursos como: litografias, quadros, fotos, infográficos e mapas. No livro da segunda série os mesmos recursos da série anterior foram utilizados, no entanto, começam a aparecer algumas poucas tirinhas, são elas: Uma tirinha do cartunista brasileiro André Dahmer. Uma tirinha do cartunista Glimar. Um trecho completo da considerada primeira história em quadrinhos produzida no Brasil do artista Ângelo Agostini, com o título “As aventuras de Nhô- Quim & Zé Caipora”, que começaram a ser publicadas em 1869. E uma charge do cartunista Ricardo Coimbra de 2015. (AZEVEDO, 2017).

No livro da terceira série, repetem-se os recursos de charges e tirinhas anteriormente citados, porém, com destaque para as muitas charges em quadro único e algumas HQs aparecem do meio para o final do livro. Vide na citação abaixo, na

tirinha da personagem Mafalda, utilizada numa questão do ENEM. Porém, nota-se que o livro não traz a data da utilização e nem criação. Uma tirinha de Laerte, sem trazer a data de sua criação. Um trecho do quadrinho Notas sobre Gaza, do jornalista e quadrinista Joe Sacco, também sem data de criação. Um trecho do livro Área de Segurança Goraz de: A Guerra da Bósnia Oriental, também do jornalista e quadrinista Joe Sacco: Conrad 200. (AZEVEDO, 2017).

Tendo em vista essas informações encontradas, notamos que os livros didáticos atuais fazem pouco uso dos quadrinhos como recurso didático para chamar atenção em determinados conteúdos históricos, o que demonstra um pequeno reconhecimento do potencial das HQs para o ensino.

No livro didático: *História – Passado e Presente*, utilizado no CEM de Gurupi, não existe nenhuma menção ao papel das mulheres antes durante ou depois da Segunda Guerra Mundial, é como se só os homens fizessem parte do mundo da época, e essa falta levanta alguns questionamentos referentes à questão de gênero.

Apenas em dois parágrafos o livro faz referência a mulher e seus direitos (AZEVEDO, 2017, p. 21), quando traz a luta pela democracia na Europa, no final do séc. XIX, onde a trajetória da luta feminina pelo voto é resumida em poucas linhas, citando o nome de Emmaline Pankhurst como líder do movimento sufragista em um discurso em Boston EUA na legenda de uma imagem de 1918.

Essa ausência de informação reforça nosso interesse em tratar desse tema com os estudantes, a fim de ressaltar que o protagonismo das mulheres na história existe desde tempos remotos, mas houve um silenciamento das narrativas históricas sobre essa temática, devido à forma de escrita da história privilegiar as ações dos homens, dos heróis e dos assuntos políticos administrativos. De modo que foi preciso haver uma mudança nos objetos e abordagens e fontes históricas para que ocorressem maiores estudos sobre as mulheres. Paralelamente a essa mudança de perspectiva historiográfica, inaugurada após 1930, com a Escola dos Annales, estava ocorrendo uma maior inserção das mulheres nas atividades econômicas e o Movimento Feminista ganhava popularidade (COSTA, 2009, p. 190).

Foram os resultados dessas novas revisões no campo historiográfico e as demandas e pressões das mulheres engajadas em vários movimentos sociais desde o final do século XIX, que possibilitaram a inclusão das mulheres nos currículos. Embora a inserção desse conteúdo esteja no início, já se nota algumas menções importantes da atuação das mulheres nos livros produzidos a partir do século XXI.

Em publicação recente, as professoras Priscila Cabral e Vera Caixeta (2019) destacam o quanto é importante que o professor ou professora de História tenha o compromisso de trazer voz em suas aulas a tantas falas por séculos silenciadas na História, uma dessas vozes é a da mulher como sujeito ativo da sociedade, inserida em seu tempo e espaço. Para isso cabe ao docente fazer uma abordagem capaz de levantar reflexões e questionamentos que trarão a possibilidade ao estudante de perceber os silenciamentos e ocultamentos da História. Trazer essa discussão para a sala de aula é oferecer ao estudante a oportunidade de compreender a questão de desigualdade entre os gêneros, abrindo caminho na construção de uma sociedade igualitária.

3.2 Uma proposta didática com hqs para ensino médio no CEM Gurupi-TO

O Centro de Ensino Médio de Gurupi é uma escola pública, localizada no centro da cidade de Gurupi, sob a gestão do Sr. João Rosado Diniz Filho. A instituição oferece Ensino Médio em três modalidades, regular, integral e EJA, atendendo estudantes das mais variadas idades, nos períodos matutino, vespertino e noturno, e devido a sua localização privilegiada, recebe pessoas de diversas partes da cidade.

Esta Unidade escolar, que foi criada pela Lei nº 4.519, de 20 de agosto de 1963 e recebeu o nome de: Colégio Estadual de Gurupi, hoje Centro de Ensino Médio de Gurupi (CEM DE GURUPI), teve suas atividades iniciadas em março de 1964. Sem prédio próprio, o Colégio funcionou nas dependências do Grupo Escolar Dom Alano, hoje extinto Colégio Estadual Rui Barbosa, com duas turmas (5ª e 6ª séries), perfazendo um total de 71 alunos. Teve como primeiro diretor o Sr. Dr. José Seabra de Lemos e primeira Secretária Rakel Pondé Amorim de Almeida, que permaneceram nos cargos até 1966.

O CEM de Gurupi é composto por 17 salas de aula, uma biblioteca, um laboratório de informática, um laboratório de química, uma sala de professores com dois banheiros, duas salas de coordenação, uma sala de AEE, uma sala de orientação, uma sala de direção, uma secretaria, uma praça com banquinhos de cimento com uma árvore de ipê amarelo bem no centro dela, um depósito, uma sala para o financeiro, quatro banheiros para os estudantes sendo dois femininos e dois masculinos, um auditório, uma cantina, uma cozinha industrial, um refeitório e uma

quadra coberta, é toda murada, com três portões de acesso.

Trata-se de uma escola que vai além da simples transmissão de conhecimento, pois tem em seus objetivos desafios como atendimento à comunidade, resgate da cidadania, formação acadêmica, social e integral de seus estudantes, entre outros.

Para tanto, a escola possui um quadro de professores especialistas em todas as áreas do conhecimento necessárias, de acordo com a proposta curricular do Estado do Tocantins e com as particularidades exigidas pela BNCC e pelo novo Ensino Médio, além de estar se adequando dentro do novo modelo Escola Jovem em Ação, onde os jovens são indivíduos ativos no processo de aprendizagem, construtores e protagonistas de seu projeto de vida.

A participação ativa dos estudantes em todo processo faz com que o ato de estudar tenha um reforço a mais, além de simplesmente a preparação para o mercado de trabalho, oferecendo, assim, aos jovens a oportunidade de analisar novas possibilidades em relação ao seu futuro na sociedade em que o mesmo está inserido.

Atualmente o corpo discente do Centro de Ensino Médio de Gurupi é composto por 596 alunos regularmente matriculados. Dos alunos matriculados no ano de 2020 estão: 135 alunos estudando em tempo integral, 186 no Ensino Regular Matutino e Noturno e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) estão matriculados 275 alunos.

Como professora de História das terceiras séries, pude observar certo desinteresse dos estudantes quando se trata da disciplina de História e quanto ao uso do livro didático da mesma. Assim no desejo de tornar essa relação mais reflexiva e agradável e também , com isso possibilitar um aprendizado significativo, foi que a partir de então se desenvolveu a ideia de trabalhar a Segunda Guerra Mundial, usando as histórias em quadrinhos e seus personagens em combinação com a tecnologia disponível do século XXI.

Com a pandemia de COVID 19, o uso de novas tecnologias se tornou ainda mais urgente, nosso cotidiano presencial, foi bruscamente modificado, tendo que dar lugar ao um novo modelo de ensino híbrido, onde o docente precisou somar aos seus conhecimentos novas práticas pedagógicas em seu dia a dia, práticas essas que o fizeram se reinventar diante desse grande desafio de instigar o aprendizado.

Muitos ainda são os temores e dúvidas sobre o ensino híbrido, sem falar até mesmo na resistência que alguns educadores ainda apresentam nessa área, porém cabe ao professor se inteirar das novidades referentes a essa metodologia como

ferramenta de ensino, em razão de que os professores e professoras são os mediadores do aprendizado.(FONTOURA, 2018)

Infelizmente ainda são escassos os esforços em oferecer condições para que o docente possa se qualificar sobre a manipulação dos recursos tecnológicos ao seu redor, vale aqui também ressaltar os problemas estruturais que a maioria das escolas públicas enfrentam.

“ Segundo uma pesquisa de 2017 do movimento Todos pela Educação, 66% dos professores da rede apontam o número insuficiente de equipamentos como limitador no uso dos recursos tecnológicos no ensino. Além disso, 64% indicam a velocidade insuficiente da internet como restrição” (FONTOURA, 2018)

Um dos primeiros passos para que se possa perceber a importância das novas tecnologias para o ensino é estudo das recomendações feitas pela BNCC (BRASIL, 2017), para tanto há que se destacar algumas citações como, a que têm o objetivo de respeitar as especificidades da faixa etária dos jovens que ingressam no Ensino Médio, como também suas diferenças culturais e socioeconômicas e não apenas considerando suas transformações biológicas, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 2011), visam atender cada estudantes como indivíduo complexo e distinto em suas singularidades culturais e sociais.

Considerando que a geração Z está inserida num mundo que se renova a cada instante com múltiplas escolhas e que essas serão capazes de definir seu futuro, sua formação profissional e, conseqüentemente, sua cidadania, é papel da escola oferecer diferentes oportunidades a esse estudante, enquanto está acessível a essa formação. As instituições educacionais interessadas em oportunizar um ensino significativo devem oferecer condições para que isso seja possível a todos os estudantes, uma vez que os jovens precisam ser instigados a buscar caminhos saudáveis para seu desenvolvimento e evolução, como pessoa e cidadão, capaz de contribuir positivamente onde estiver inserido, abrindo possibilidades de renovação e evolução social.

A partir da lei nº 13.415/2017, o modelo único de currículo no Ensino Médio existente até então é substituído por um modelo diversificado e flexível com a BNCC e seus itinerários formativos. A educação do Ensino Médio deve ser uma continuidade

do que foi trabalhado no Ensino Infantil e Fundamental, uma educação voltada para a formação do indivíduo como um todo, ou seja, uma educação integral, orientada pelas Competências gerais da Educação Básica.

O ano de 2020 foi um período de grandes desafios para os profissionais da educação, a pandemia de COVID 19, assolou o mundo com um número de mortes crescente por vários meses, em meio a esse caos veio a necessidade de que as instituições educacionais desenvolvessem formas de aprendizado capazes de ultrapassar a barreira do distanciamento social em que estávamos vivendo e alcançar seus estudantes aonde quer que estivessem. Desde então as práticas pedagógicas sofreram grandes transformações. Professores e professoras se lançaram numa busca incessante por novas técnicas, meios e recursos para alcançar uma aprendizagem significativa. Assim, por horas a fio foram realizados estudos que pudessem apontar o caminho até o estudante. Neste contexto, os profissionais e estudantes de instituições públicas foram os mais atingidos, devido à falta de recursos tecnológicos disponíveis. Com o objetivo de oferecer sugestões aplicáveis aos docentes é que a Universidade Federal de Goiás em conjunto com seus estudantes de pós graduação em História o PROFHISTÓRIA, desenvolveu cadernos Didáticos contendo Narrativas Visuais nas aulas de História publicado em 2021, neste material são encontrados planejamentos de aulas com a utilização de recursos tecnológicos, entre eles jogos, filmes e charges. (ALMEIDA, "et al", 2021)

A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio deve despertar no estudante a capacidade de argumentação e discussão, usando métodos como interpretação, análises e principalmente a leitura do mundo contemporâneo no qual está vivendo, destacando suas experiências e vivências, como ponto de partida para elaboração de seu conhecimento individual.

Aqui reside o maior desafio para as Ciências Humanas, fazer do aprendizado algo individualizado, que possa atender ao indivíduo em suas particularidades e ao mesmo tempo conectar o conhecimento desse indivíduo ao mundo que o cerca, fazendo a ponte com os avanços e mudanças, como a tecnologia e as relações monetárias do mundo atual, e suas consequências nas relações de consumo, trabalho e produção. (BNCC, 2017).

Este trabalho busca desenvolver a primeira competência da BNCC - Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local,

regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica (BNCC, 2017).

Propõe-se também, ao estudante, uma reflexão e análise sobre o processo político, social e econômico da Segunda Guerra Mundial através das HQs da Mulher Maravilha. Serão também trabalhadas as habilidades do quadro abaixo, conforme se recomenda na BNCC (2017).

Figura 9 - Quadro sobre habilidades propostas pela BNCC (2017) para o Ensino Médio

HABILIDADES	DESCRIÇÃO
EM13CHS101	Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
EM13CHS102	Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
EM13CHS103	Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
EM13CHS205	Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.
EM13CHS303	Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis
EM13CHS603	Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

Fonte: BNCC (BRASIL, 2017)

Neste trabalho é possível desenvolver principalmente as capacidade de análise e observação dos jovens, de acordo com as habilidades BNCC (2017), sendo que durante as aulas de História o professor pode, com o uso das HQs, aumentar as possibilidades de análises críticas, de percepção e reflexão sobre a indústria de massa, de contato com outras culturas diferentes da que o estudante está habituado,

bem como construir uma visão mais ampla sobre a necessidade das várias formas de expressões artísticas e suas manifestações, desenvolvendo a capacidade de comparação e entendimento sobre a diversidade cultural e social do mundo contemporâneo. Ao fazer esta análise, se desenvolve no estudante a capacidade de perceber as diferentes fontes históricas, seus contextos e particularidades e a partir dessa análise, contribuir para que ele possa entender conceitos como Nazismo, Fascismo, política de guerra, geopolítica, além de perceber temas transversais ligados à cidadania. Dessa forma, facilita-se sua compreensão sobre esse assunto. No trabalho aqui proposto, dá-se mais atenção sobre dois quadrinhos relacionados à representação Nazista e o papel feminino nos EUA durante a Segunda Guerra Mundial. Partindo, como já foi mencionado, das HQs da Mulher Maravilha.

3.3 Etapas da sequência didática

O modelo de organizar as aulas em sequência didática é bem novo, chegou ao Brasil nos anos 90, dez anos depois da França já estar utilizando dessa estratégia em suas escolas. Nessa década foram muitos os avanços relacionados à educação. No Brasil, todas essas inovações foram adicionadas ao uso desenfreado e desenvolvimento da internet, como uma das características positivas da globalização.

A sequência didática pode ser utilizada por todas as áreas do conhecimento e em consonância com as novas tecnologias disponíveis da contemporaneidade, possibilita uma melhor interação entre o professor e o estudante, assim o ensino aos poucos vai se aproximando ao que se recomenda na BNCC. (LEGEY *et al.*, 2021)

Ao pensar numa proposta de ensino-aprendizagem utilizando outras atividades produtivas, além de textos, desenvolvemos juntos um produto que possa fomentar uma discussão produtiva e envolvente, trazendo o conteúdo para bem próximo do entendimento dos estudantes. Esta é uma proposta de trabalho para professores de História no Ensino Médio, sendo nela destacada a terceira série, mais precisamente e utilizando – se da sequência didática que será descrita passo a passo para a sua melhor aplicação:

Primeiro encontro:

1. Roda de conversa com os estudantes sobre as aulas da disciplina de História e as histórias em quadrinhos, direcionada com o uso de um questionário, porém deixando que os estudantes fiquem à vontade para se expressarem;

Segundo encontro:

01. Levar um vídeo com um recorte do filme Mulher Maravilha, onde aparecem as referências da Segunda Guerra, para exibir aos estudantes e assim possibilitar a eles outra forma de analisar o evento e a personagem em questão.
02. Questionar os estudantes para que eles falem sobre as semelhanças e contrastes entre os quadrinhos e o filme;
03. Conversar sobre as respostas que eles fizeram nas questões levantadas no primeiro encontro;
04. Pedir aos estudantes que façam uma pesquisa sobre a evolução das HQs através dos tempos.

Terceiro encontro:

01. Fazer o questionamento de que pudéssemos colocar HQs em seu livro didático, seria melhor em que conteúdo ou capítulo? (a expectativa é que alguns deles cite o conteúdo II Guerra Mundial)
02. Passos sugeridos para análise dos quadrinhos da Mulher Maravilha:

Para levantar a reflexão sobre o movimento político, o Nazismo e seus efeitos nos Estados Unidos, esse trabalho fará a análise de dois quadrinhos da Mulher Maravilha, relacionados ao Nazismo e ao papel feminino durante a Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos da América.

Durante o processo de análise dos quadrinhos, será proposto aos estudantes que observem atentamente, antes de ler a descrição das imagens, os detalhes abaixo elencados.

No primeiro quadrinho:

01. Qual é o título do quadrinho?
02. De onde foi retirado esse quadrinho?

03. O que estava acontecendo com o mundo na data de criação desse quadrinho?
04. Descreva o cenário representado na imagem:
 - A. Quem está em destaque?
 - B. A cena é real? Justifique sua resposta:
 - C. Como são as roupas dos personagens da cena?
 - D. Que tipo de pessoas aparece nos quadrinhos?
05. Sobre as cores observe:
 - A. Que cores estão em destaque?
 - B. O que estas cores representam?
 - C. Que sentimentos cada cor desperta em você?
06. Você percebe alguma bandeira? Qual?
07. Que outro título você daria para o primeiro quadrinho em análise?
08. Conte com suas palavras o que está acontecendo em cada quadrinho.
09. O que o conteúdo dos balões dos quadrinhos analisados estão dizendo?

Para a análise do segundo quadrinho, serão utilizadas as mesmas questões, Às quais também serão acrescentadas as seguintes observações:

01. Como você entendeu a sequência desses quadrinhos?
02. Quem é vilão e quem é herói?
03. Você consegue, através dos quadrinhos apresentados, identificar algum país envolvido? Qual?
04. O que a personagem da Mulher Maravilha significa para você?
05. Qual é a importância simbólica de uma mulher heroína para você ?



Fonte: "A moça armada", Sensation Comics nº 20 (agosto de 1943)

A primeira história conta sobre a criação das WAACS, um exército auxiliar feminino, criado pelo presidente Roosevelt dos EUA em 1942, contendo 150 mil mulheres, que não se envolveriam com o front. Nos quadrinhos, William leva essa história para a ficção e traz um momento de condecoração das WAACS, por seus atos heroicos.

Figura 11 - O Invasor Invisível



Fonte: The invisible invader comic cavalcade #3 summer 1943

No segundo caso, a análise é de uma sequência de sete quadrinhos, em que a Mulher Maravilha é aprisionada pelos alemães, que a subestimam, no final ela consegue escapar dando socos nos soldados:

01. Serão apresentadas cópias das duas histórias em quadrinhos anteriormente mencionadas aos estudantes, sem que eles leiam as descrições de cada

quadrinho, assim cada um fará suas observações e comentários, sendo direcionado pelo questionário planejado e citado neste trabalho;

02. Logo após, em uma roda de conversa, propor-se-á que eles apresentem suas anotações e conheçam as reflexões dos colegas;
03. Na sequência, os estudantes identificaram no livro didático o tema Segunda Guerra Mundial e subtemas como o Nazismo na Alemanha e a participação dos Estados Unidos. Portanto de posse dessas duas fontes, o livro didático e os quadinhos apresentados, espera-se que os estudantes possam perceber as diferenças e semelhanças presentes nos objetos de pesquisa que lhes foram expostos e assim registrá-las em seus cadernos.

Terceiro encontro:

O primeiro passo do professor de História, para aplicação da proposta em sala com os estudantes, será instalar em seu celular o aplicativo Kahoot, como também estar com as questões do quiz já prontas para que possa apresentá-las aos estudantes durante a aula.

Instruções para o professor ou professora instalar o aplicativo no celular, segue o link com instruções para instalação:

https://unifaj.faj.br/hubfs/Manuais%20Presencial%20EAD%202020/Manual%20do%200Docente/KAHOOT_manual_do_docente_UNIFAJ.pdf

01. Em seu celular o professor deverá acessar a loja de aplicativos do Google: Google Play ou App Store de acordo com o modelo de seu celular;
02. Instalar o aplicativo como na imagem que segue;

Figura 12 - Página inicial do App Kahoot



Fonte: Google Play Store. Disponível em: http://www.distimo.com/appstores/app-store/19-Google_Play_Store

03. Criar uma conta com o seu email e senha;
04. Ao entrar no App entre as quatro funções clicar em professor
05. Desse passo em diante o professor escolhe uma imagem e um título para ser atribuídos ao seu quiz, e então começa a inserir as suas questões previamente elaboradas, uma a uma;
06. Para criar cada pergunta, o professor deve escolher uma imagem (mídia), e adicionar quatro alternativas de respostas, deixando já registrada a alternativa correta como a seguir (devem ser feitas no mínimo cinco questões para concluir o quiz).
07. Ao concluir o quiz o professor vai clicar em BIBLIOTECA no canto direito da página inicial do App;
8. Na biblioteca clicar em KAHOTS e entrar no quiz que foi feito anteriormente sobre os quadrinhos;
9. Clicar em estudar;
10. Na sequência, em atribuir Kahoot, clique em “criar”:
11. Para atribuir o kahoot é necessário criar grupo:
12. Para finalizar clicar no ícone do app WhatsApp, para assim compartilhar (atribuir) o jogo com seus estudantes.

Figura 13 - Página de conclusão do quiz no App Kahoot



Fonte: Google Play Store. Disponível em: http://www.distimo.com/appstores/app-store/19-Google_Play_Store

Figura 14 - Página de apresentação do App Kahoot



Fonte: Google Play Store. Disponível em: http://www.distimo.com/appstores/app-store/19-Google_Play_Store

Ao final, os estudantes farão registros para avaliação do trabalho, com suas contribuições para o melhor desenvolvimento da metodologia aplicada durante esse processo, expondo e comentando seus esboços dos quadrinhos para os colegas.

A escolha desse aplicativo se deu por dois motivos principais: primeiro pela atual conjuntura do formato de aulas em que estamos trabalhando, fica evidente que o meio mais eficiente para que o estudante se envolva é o que está relacionado à tecnologia em geral. E segundo porque é um aplicativo de fácil manejo e bem atrativo aos olhos principalmente aos jovens e adolescentes, prova disso é seu alto índice de satisfação que chega a 89% entre as pessoas que o utilizaram, possibilitando, assim, contemplar a princípio meu objetivo em tornar o ensino de história mais atraente, dinâmico e interativo, além de que com o uso desse aplicativo os estudantes poderão desenvolver melhor seu entendimento sobre os conceitos de memória e representação.

As habilidades desenvolvidas nos estudantes com aplicativo serão: 1-

Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos; 2- Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis. 3- Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros), políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

O Kahoot é um aplicativo que pode ser obtido através de acesso a loja de aplicativos oficial do Google, onde os estudantes podem instalar gratuitamente em seus celulares ou computadores (que não sejam cromebooks). Essa é uma plataforma baseada em jogos, utilizada como tecnologia educacional em escolas e outras instituições de ensino, possuindo testes de múltipla escolha, verdadeiro ou falso em sua versão gratuita. (EDUCATECH, 2019)

Logo a seguir temos a ilustração do passo a passo da sequência didática, para a aplicação da proposta pedagógica deste trabalho:

PROPOSTA PEGAGÓGICA PASSO A PASSO:

PRIMEIRO ENCONTRO:



1) RODA DE CONVERSA:

- 15 estudantes
- Aplicação do questionário
- Espaço para se expressarem

2) EXPOR HQS:

- Análise e relato das observações pelos estudantes



SEGUNDO ENCONTRO:



1) VÍDEO COM RECORTE DO FILME MULHER MARAVILHA:

- Referências da II Guerra Mundial
- Estudantes analisam o evento e a personagem com nova perspectiva

2) SEMELHANÇAS E CONTRASTES

- Quadrinhos x Filme



3) CONVERSAR SOBRE:

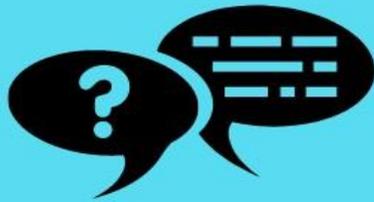
- Respostas às questões do primeiro encontro

4) CONTAR COM OS ESTUDANTES

- Solicitar aos estudantes que pesquisem sobre a História e evolução dos quadrinhos



TERCEIRO ENCONTRO:



1) QUESTIONAR

- Se pudéssemos colocar HQs em seu livro didático, em qual conteúdo ou capítulo você acharia melhor?

2) ANÁLISE DOS QUADRINHOS - MULHER MARAVILHA

- Distribuição das cópias das duas histórias em quadrinhos para os estudantes
- Expor, em uma roda de conversa, as anotações e respostas das perguntas norteadoras
- Com o livro didático em mãos, comparar semelhanças e diferenças entre ele e os HQs

1

O NAZISMO E SEUS EFEITOS NOS EUA

PRIMEIRO QUADRINHO

2

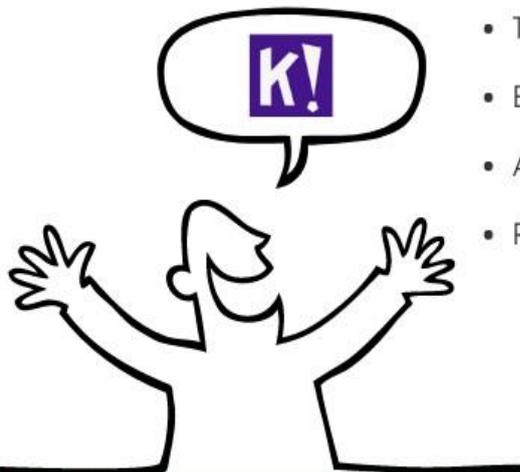
PAPEL FEMININO DURANTE A II GUERRA MUNDIAL NOS EUA

SEGUNDO QUADRINHO



QUARTO ENCONTRO:

1) CABE AO PROFESSOR:



- Ter instalado o aplicativo "Kahoot" em seu celular
- Estar com as perguntas do quiz prontas
- Atribuir o quiz aos estudantes
- Registrar avaliação feita pelos estudantes sobre:
 - Aplicativo
 - Metodologia



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho de pesquisa, foi possível perceber o quanto o ato de buscar caminhos é significativo, pois nos faz sair da inércia em busca de rumos que nos possibilitem aprimorar o que fazemos. "a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa." (FREIRE, 1967 p.104)

Sendo a sala de aula um lugar de constantes mudanças, por conter vida e a vida está sempre acontecendo, não existe ambiente melhor para a discussão e debates de memórias e fatos. As aulas de História precisam com urgência deixar de ser mera transmissão de conhecimentos e passar a ser lugar de confronto, reflexão e conscientização. Levar em conta que o jovem do séc. XXI está cercado de informações por todos os lados, como nunca antes na história da humanidade é responsabilidade da escola, de seus professores e professoras direcionar essas informações para que sejam significativas não somente ao aprendizado, mas para a vida em sociedade de seus estudantes.

Por acreditar no poder transformador que a educação tem, é que proponho esse trabalho, não sendo inédito ele é apenas mais uma fagulha para provocação no incêndio de ideias, como os que vieram antes e outros que virão depois dele, nessa busca incessante do ser humano pelo conhecimento e seus resultados.

O Ensino de História, para surtir um melhor efeito, deve ir muito além da educação conteudista e bancária, ela precisa ver no estudante um indivíduo com sua história, identidade, memórias e habilidades que lhes são únicas. E que esse ser, o estudante, clama por representatividade para se sentir parte do processo de ensino, ele tem que se ver na História que está ali a sua frente na sala de aula, e isso só será possível quando são ouvidas todas as vozes dos fatos narrados, sejam homens, mulheres, crianças, ricos e pobres, vencedores e vencidos etc.

Trago nesta pesquisa referências sobre a História das mulheres, no intuito de poder provocar em meus leitores o desejo de se aprofundar mais ainda sobre esse tema. Este trabalho apresenta um pouco sobre a visibilidade feminina a um grupo de pessoas que também fez História, mas quase nunca é vista ou lembrada.

Quando se tratava do fato Segunda Guerra Mundial, entendemos que são infinitas as fontes para se estudar esse fato, com os relatos contidos neste trabalho trago a provocação para o não visto ou ignorado durante anos pelos registros oficiais, mas que continua existindo mesmo sem ser percebido pela maioria.

A personagem dos quadrinhos, Mulher Maravilha, apesar de não evocar a guerra, está intimamente ligada a ela, já que suas primeiras aventuras trazem a guerra como palco, sendo assim o ensino de História sobre a Segunda Guerra Mundial, pode ser enriquecido com mais esse recurso gráfico

o uso das Histórias em Quadrinhos e das tecnologias, como materiais pedagógicos é muito mais que tornar as aulas de História mais agradáveis e atraentes, ele vem ainda apontar mais uma possibilidade de desenvolver no estudante a capacidade de perceber que as fontes históricas são infinitamente diversas e só conseguimos identificá-las quando nossos olhos e nossas mentes estão acostumados a procurar história em tudo e em todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEKSIEVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 390 p.
- ALMEIDA, Fábio Aquino. **Para ler a Mônica**: Reflexões sobre quadrinhos, indústria cultural e ensino de história- Dissertação 2007.
- ALMEIDA, Gabriela Santos, "et al" **Narrativas Visuais na aula de História / organizadores: Gabriela Santos Almeida e Vinícius José Duarte de Oliveira, Juiz de Fora : Editar Editora Associada Ltda, 2021.**
- ALVES, Vanessa Queirós. **O USO DE TECNOLOGIAS E METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: CONTEXTUALIZANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO MÉDIO**. Cadernos de Educação Básica, 2020. Disponível em : <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/cadernos/article/view/2768>. Acesso em:
- AZEVEDO, Gislaíne. **História: passado e presente**. São Paulo: Ática, 2016. (Primeiras séries).
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História Fundamentos e métodos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao#a-base-nacional-comum-curricular>. Acesso em:
- BRASIL. PNLD, **Programa Nacional do Livro Didático - MEC -2005**.
- BREEN, Marta. **Mulheres na luta; 150 anos em busca de liberdade, igualdade e Sonoridade**. [S. l.]: Seguinte, 2019. v. 1.
- CABRAL, Priscila. CAIXETA, Vera. **a história das mulheres e o ensino de história: CONSIDERAÇÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A IGUALDADE DE GÊNERO**, 2019). Minas Gerais: Finom, v. 17, n. 13
- CAGNIN, A. L **Os quadrinhos**: um estudo abrangente da arte sequencial, linguagem e semiótica ed. São Paulo: Criativo, 288 p., 2015.
- CERRI, Luis Fernando. **O ensino da história e as histórias em quadrinhos: Algumas considerações**. Artigo. EDUCERE. PUCPR. 2006.
- CHACON, Beatriz Pan. **A mulher e a mulher maravilha uma história de discurso e poder**. 2010. 198 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em História Social, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- CORRÊA, Luís Rafael Araújo. **Os Super-Heróis como propaganda de Guerra**: os

quadrinhos e a Segunda Guerra Mundial. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@historiaemrede/os-super-heroiscomo-propaganda-de-guerra-os-quadrinhos-e-a-segunda-guerra-mundial>. Acesso em:

COSTA, Suely Gomes. Gênero e história. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Ensino de História: conceitos, temática e metodologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2009. p. 187-208.

D'SALETE, Marcelo de. **Cena de HQ CUMBE**. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Cena-da-HQ-Cumbe-2014-de-Marcelo-DSalete_fig2_317055699

Diretrizes curriculares Nacionais para a formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: MEC, 2001.

EDUCATECH. **O que é o Kahoot!**. 2021. Disponível em: <https://www.educatech.pt/kahoot/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

ERICK HOBBSAWN. **Tradição inventada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
FERRARI, Wallacy. **As mulheres da vida real que inspiraram a criação da Mulher Maravilha**. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/as-mulheres-da-vida-real-que-inspiraram-a-criacao-da-mulher-maravilha>. Acesso em:

FERREIRA, Rafilskay. **Como as guerras influenciaram as HQs de heróis**. 2016. Disponível em: <https://historiadorgeek.com.br/index.php/2016/02/25/como-as-guerras-influenciaram-as-hqs-de-herois/>. Acesso em:

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FONTOURA, Juliana. **Quais os desafios dos professores para incorporar as novas tecnologias no ensino**. 2018. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2018/05/09/quais-os-desafios-dos-professores-para-incorporar-as-novas-tecnologias-no-ensino/>. Acesso em: 1 fev. 2022.

FRANCO, Edgar. **“Histórias em Quadrinhos e Hipermídia: as HQtrônicas chegam à sua terceira geração”**, in: Os Quadrinhos na Era Digital – HQtrônicas, webcomics e cultura participativa, Lucio Luiz (org.), Nova Iguaçu: Marsupial, 2013, pp.15 a 34.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. São Paulo: Record, 2003.

FRONZA, Marcelo. **Significado das histórias em quadrinhos na histórica dos jovens que estudam no ensino médio**, 2007.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LEE, Michael. **A importância dos estímulos visuais na sala de aula**. Desafios

da educação, 2014. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/importancia-dos-estimulos-visuais-na-sala-de-aula>. Acesso em:

LEGEY, Ana Paula *et al.* **Você sabe o que é uma sequência didática?** 2021. Disponível em: <https://www.unicarioca.edu.br/acontece/noticias/voce-sabe-o-que-e-uma-sequencia-didatica>. Acesso em: 10 jan. 2022.

LITZ, Valesca. **O uso da imagem no ensino de História.** 2009. 43 f. Tese (Doutorado) - Curso de Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

MACEDO, Sergio. **Povos indígenas em quadrinhos.** São Paulo: Zarabatana Books, 2012.

MAKOWIECKY, Sandra. **Representação: a palavra, a ideia e a coisa.** Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. Nº 57 - Dezembro de 2003.

MECKS. **Planeta tirinha.** Disponível em: <https://planetatirinha.wordpress.com/category/hagar-o-horrivel/>.

MULLER, Daneila Valle R. **O apagamento das mulheres na história e o direito à memória.. Carta Capital, 12 de abril.2019.** Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/o-apagamento-das-mulheres-na-historia-e-o-direito-a-memoria/>. Acesso em

NOGUEIRA, Natania. As Mulheres E A Segunda Guerra Mundial. In. **Anais do Congresso Internacional da Faculdade Est, 2014,** São Leopoldo. [...]. São Leopoldo: [s. n.], 2014. 737- 748 p. v. 1. Disponível em:

PALMERIM, Beatriz Evelin Nunes; MORAES3, Luana do Socorro da Silva. **História em quadrinho (HQ) em sala de aula.** 2017. 21 f. Tese (Doutorado) - Curso de Licenciatura em Letras Ingles, Departamento de Letras, Instituto de Ensino Superior do Amapá, Macapá, 2017

PEREIRA, Claudia. Povos Indígenas em Quadrinhos: narrativas visuais do artista brasileiro Sérgio Macedo, em defesa da preservação do Patrimônio Cultural Indígena. **Revista alter IBL,** [s. l.], v. 1, ed. 1, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu>.

PINTO, Céli Regina Jardim. **FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER.** Sociologia e Política, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-22, 10 dez. 2009.

PORTAL DESAFIOS DA EDUCAÇÃO. **A importância dos estímulos visuais na sala de aula.** 2014. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/importancia-dos-estimulos-visuais-na-sala-de-aula/>. Acesso em: nov. 2020

QUINO. **Toda a Mafalda.** Tradução de Andréa Stahel M. da Silva et al. 11.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009

RAMA, Angela *et al.* **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 1. ed. São paulo: Contexto, 2004. 157 p.

RODRIGUES, Roger Vieira. **Os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial: a guerra como elemento dinamizador da economia norte-americana.** 2011. 83 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SEIFERT, Camilla Visintim. **O garoto propaganda da América:** análise da propaganda ideológica americana inserida no filme capitão américa: o primeiro vencedor - TCC - 2014- Universidade Estácio de Sá- SC.

SILVA, Anderson Pires. **Os Quadrinhos e a Vida:** O problema da qualidade literária, Darandina Revista eletrônica, vol.10, número 2, dezembro de 2017.

SILVA, Marco Antonio da. **Repensando a História.** São Paulo; Marco Zero, 1984.

SILVA, Pedro. **O GATO NO TELHADO.**
Disponível em: <https://ogatonotelhado.blogs.sapo.pt/tag/vaca>.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VELOSO, Roberta. **Imagens de uma escrava rebelde: quadrinhos, raça e gênero no Ensino de História.** 2018. 76 f. Tese (mestrado) - Curso de Profhstória, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

VERGUEIRO, W. **Histórias em quadrinhos e serviços de informação:** um relacionamento em fase de definição. DataGramZero, v. 6, n. 2, abr. 2005.
Disponível em: . Acesso em: out.2020.

VIEIRA, Martha V. Cinema e ensino de história: a cultura política brasileira na representação de Amácio Mazzaropi. In. SILVA, N. L. **Ensino de história e formação continuada:** teorias, metodologias e práticas. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2013. p. 93-103.

VILELA, Tulio. **Quadrinhos e 2ª Guerra Mundial** - Capitão América e os roteiristas judeus. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br>. Acesso em:

XAVIER, Douglas Lima. **HISTÓRIA EM QUADRINHOS E ENSINO DE HISTÓRIA.** 2017. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/317055699_Historia_em_quadrinhos_e_ensino_de_Historia.

ANEXO I

PROPOSTA DE QUESTIONÁRIO SOBRE AS HQs PARA SER APLICADO COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

1. O que você acha das suas aulas de História?
2. Gosta do seu livro didático? Justifique sua resposta:
3. O que falta no seu livro didático?
4. Você conhece algum personagem de HQs?
5. O que são heróis pra você?
6. O que você acha de HQs?
7. Você percebe algum valor nos HQs que você vê?
8. Quais são esses valores?
9. Você se identifica com o personagem? Qual? Por quê?
10. Você consegue encaixar em algum assunto do seu livro de história algum personagem dos HQs?
11. Que heroínas você conhece?
12. Como você se sente ao ver a atuação das heroínas nos HQs?
13. Você conhece a personagem da Mulher Maravilha, que valores você acha que ela defende e o que você sabe do contexto histórico em que ela surgiu?

ANEXO II

LINKS DE SITES PARA PESQUISAR ALGUMAS IMAGENS DA MULHER MARAVILHA

01- Primeiro esboço da Mulher-Maravilha, por H.G. Peter - com comentários do artista e de Marston. Crédito: Heritage Comics.

<https://i0.wp.com/judao.com.br/wp-content/uploads/2017/05/Original-Illustration-of-Wonder-Woman-by-H.-G.-Peter-ca.-1941.jpg>

02 -*All Star Comics* #8, publicada em Outubro de 1941

<https://i2.wp.com/judao.com.br/wp-content/uploads/2017/05/photo-1.png>

03- Segunda edição *Sensation Comics* - 1941

https://i2.wp.com/judao.com.br/wp-content/uploads/2017/05/tumblr_mu3lgumZQY1sa2z61o1_1280.jpg

04- Mulher Maravilha vol.11 - 1942

[Wonder Woman/Covers Wonder Woman Vol 1 Wonder Woman Vol 1 1 Wonder Woman Category: 1942, June Category: 1942, April \(Publication\)](#)

05- Capa da revista em quadrinhos da Mulher Maravilha número 40

https://maniadegibi.com/loja/product_info.php?products_id=35686&osCsid=854c57

06- Fases 1 a 3 - Dos primórdios até a psicodelia sessentista!

<https://formigaeletrica.com.br/quadrinhos/artigos-hq/fases-hq-mulher-maravilha/>

07-Fases da Mulher Maravilha

<https://wonder-woman.fandom.com/pt-br/wiki/Mulher-Maravilha>

08-Link de instrução para instalação do App no celular

https://unifaj.faj.br/hubfs/Manuais%20Presencial%20EAD%202020/Manual%20do%20Docente/KAHOOT_manual_do_docente_UNIFAJ.pdf